

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, nr. 25

Ano 1973

Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J.

**OS ESPÍRITOS MAUS DOS NANBIKUÁRA
QUINZE LENDAS DOS RIKBÁK TSA**



INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

Serviço gráfico de Rotermund S. A. — S. Leopoldo, RS — 21.823

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

— — — —

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

— — — —

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — —

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

— — — —

OS ESPÍRITOS MAUS DOS NANBIKUÁRA

Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J.

Prof. Pesquisador da Universidade

Federal de Mato Grosso (1).

Utiariti, 21 de setembro de 1972.

I — ORIGEM.

Era um homem chamado Kalenra.ikitesu (2). Um dia sua mulher morreu e ele a enterrou no pátio da aldeia. Kalenra.ikitesu não suportava a ausência da esposa e vivia sempre pensando num modo de reavê-la. Certa ocasião, depois de um banho, Kalenra.ikitesu saiu andando pelo campo, recordando sempre a mulher. Encontrou os ossinhos de saúru (periquito) morto.

Vou experimentar uma coisa, pensou Kalenra.ikitesu: amontoou na mão aqueles ossinhos na forma do periquito vivo, cuspiu neles e os soprou. Os ossinhos, na mesma hora, se transformaram num periquito vivo, que voou da mão de Kalenra.ikitesu e se sentou no galho baixo de uma árvore. Kalenra.ikitesu viu que era um homem sabido, com o poder de ressuscitar um animal morto — o que lhe causou grande alegria. Kalenra.ikitesu continuou andando pelo campo. Mais na frente, encontrou Kalêrusu (besouro) morto, de pouco tempo. Repetiu também com o besouro a mesma cena do periquito e com o mesmo resultado.

Já sei, disse Kalenra.ikitesu, com redobrada alegria e confiança: eu sou uaníndisu (pajé), o primeiro do mundo. Vou tentar a mesma coisa com minha mulher!

Tomou banho, levou para casa uma cabaça de água, colocou-a em cima da sepultura da mulher, sem falar nada para ninguém. Logo a sogra e o cunhadinho de Kalenra.ikitesu saíram para o campo. Então Kalenra.ikitesu apanhou katehru (capim), tomou água e se dirigiu para a sepultura de sua mulher, pensando em ressuscitá-la. Abriu a sepultura, mastigou aquele capim e, levantando os cabelos da testa da mulher, deixou cair em cima da testa aquela infusão de capim com saliva. A morta, na mesma hora, reviveu. Tirou-a da sepultura e ali mesmo lhe deu um banho com a água da cabaça. Os dois seguiram para a própria casa. Entraram e Kalenra.ikitesu fechou a porta e se sentou ao lado da mulher e passou urucu em todo o corpo dela.

Logo mais, a sogra e o cunhadinho de Kalenra.ikitesu voltaram do campo. A sogra mandou o filhinho à casa do genro buscar um tição de fogo, porque o seu estava apagado. O menino foi e encontrou a porta de Kalenra.ikitesu fechada. Gritou de fora:

— Mamãe mandou buscar um tição de fogo, porque o nosso apagou.

— Espera aí, eu vou levar aí fora o tição de fogo — disse Kalenra.ikitesu.

Mas o menino não esperou e foi entrando. Quando pegou o fogo, viu a sua irmã viva. Saiu correndo e, chegando em casa, contou para a mãe que viu a sua irmã viva.

— Não fale assim, meu filho, você sabe que a sua irmã já morreu! — disse a mãe e desatou a chorar.

A mulher, lá da outra casa, ouviu a mãe chorar e morreu de novo. Kalenra.ikitesu exclamou:

— Eu vi que era o primeiro pajé do mundo e ia fazer viver de novo toda a gente que morresse e sempre ia ser assim, mas o meu trabalho e de todos os pajés que virão depois ficou estragado, só porque esse menino não fez como eu mandei!

Kalenra.ikitesu desapareceu, sem nem enterrar de novo a mulher.

Algum tempo depois, um homem, lai.ialusu, foi caçar com duas mulheres. Mais na frente, lai.ialusu viu uma arara numa árvore e de lado uma pessoa estranha e diferente. Mandou que as mulheres voltassem para casa, que ele ia matar aquela arara. Olhou bem aquela pessoa estranha e pensava:

— Quem será? Será que é gente mesmo? De nossa aldeia não é. Das outras aldeias também não, porque conheço todo mundo!

Nisso aquela pessoa desconhecida ameaçou avançar para lai.ialusu, com um porrete na mão. lai.ialusu flechou-o rapidamente e correu. Na aldeia contou para todo o mundo.

— Vamos ver — disseram os homens.

Chegando na árvore, acharam só pegadas. Essas terminavam na beira de uma grande lagoa. Ali viram ainda uma sucuri flechada: um mistério... Sentaram-se e pensaram.

— Já sei, disse um homem: aquela pessoa é atasu (espírito mau) e foi Kalenra.ikitesu que mandou.

— É verdade — disseram os outros homens. Agora nós vamos sofrer com esse atasu.

Mas um dia um homem matou aquele atasu e conservou um ossinho dele dentro de uma cabaça. E foi desse ossinho que se originaram todos os atasu que existem hoje.

II — DESCRIÇÃO.

As descrições dos Espíritos Maus nem sempre são uniformes, categóricas e exatas. Às vezes variam de uma para outra aldeia, ou mesmo de um para outro informante na mesma aldeia.

— “Se um dia eu me encontrar bem de perto com alguns desses Espíritos Maus, vou contar tudo e bem direitinho para você”, dizia-me um informante.

Certo é que o Nanbikuára se sente rodeado de muitos Espíritos Maus. Antigamente eram muito mais numerosos. Hoje, devido à ação eficiente de uaníndisu (pajés), diminuíram sensivelmente. Alguns desapareceram como ser, mas ainda são descritos e aparecem nas lendas.

Designam os Espíritos Maus pela palavra genérica atasu(3), tendo ainda cada um deles, uma designação especial. Os atasu são por excelência pessoas ou animais fantásticos, e por extensão, animais reais perniciosos, fenômenos da natureza e coisas.

A — PESSOAS FANTÁSTICAS.

1. SIUINTYAHLUSU. (Fig. 1).

Descrito como uma pessoa de características próprias. Não tem o movimento natural dos joelhos e dos cotovelos. A barba, as sobrancelhas e as axilas são abundantes em cabelo, enquanto que na cabeça possui apenas um fio só. O pé é muito comprido, com o dedão sobressaindo em comprimento sobre os demais dedos. O nariz é fino; a boca pequena; a testa branca; os dentes pretos; a orelha, como a do macaco; os braços, como os do coatá; o pênis, como o do morcego. Possui nas mãos apenas dois dedos. No peito, tem uma luz, “lanterna irmão” (4).

Siuintyahlusu não fala e é muito valente e alto. Para se locomover, anda ou voa, conforme a necessidade. Quando voa, às vezes toca o pé no chão, para tomar novo impulso. Quando dança, usa um cocar de palha de buriti na cabeça e um chocalho do coco do mesmo buriti, no pé, “Irántxe irmão” (5).

Siuintyahlusu, em geral, só anda e é visto à noite. Durante o dia, às vezes, se ouve, quando voa ou se balança nas árvores. Possui uãru (flauta) que pode ser vista e ouvida somente pelo pajé. Se outro escutar, adoecer e se vir, morre. O índio Manú, não pajé, um dia ouviu a flauta de Siuintyahlusu e ficou com reumatismo.

O Siuintyahlusu cria o lagarto, o coati, o gavião, o marimbondo, o coatá e uma porção de pequenas cobras. Estes animais são os “cachorros” do Siuintyahlusu.

Tem siuintá.kulusu (esposa) e filhos.

Quando se criavam nas aldeias antigamente, pequenas corujas e papagaios, era comum vir esses atasu de noite e carregar as mulheres nanbikuára, sobretudo as menstruadas. Hoje em dia, isso é mais difícil por causa dos cachorros da tribo.

Quando uma criança acorda assustada é que Siuintyahlusu está por perto e a criança está sonhando com ele. Para fazê-la voltar à calma, a mãe coloca a mão aberta sobre a fronte da criança e a sopra desde a cabeça até os pés.

Quando um caçador mata um coatá distante de casa e sobrevém a noite, deve largá-lo imediatamente, para vir buscá-lo no outro dia. Do contrário, o coatá vira siuintyahlsu, dando um susto no caçador, podendo até matá-lo, porque o coatá é um "cachorro" do siuintyahlsu.

Siuintyahlsu vive no oco dos grandes paus das matas escuras. Se alguém passar por debaixo de algum desses paus, siuintyahlsu desce rapidamente, feito pássaro, pega o incauto e o leva para cima e come.

Para matar o siuintyahlsu, o nanbikuára usa uma espada ou um machado de pedra ou uma flecha de ponta redonda e atualmente ainda a espingarda. As únicas partes mortais do siuintyahlsu são o peito, para a espada, e o joelho, para a flecha.

Uma noite, encontrava-me dentro da casa da flauta sagrada da aldeia do rio Sapezal, com alguns homens, gravando uns cantos. De repente uma mulher gritou lá de fóra:

— "Siuintyahlsu! siuintyahlsu!

Katunkulusu, o chefe político e religioso, saiu correndo, pegou a espingarda e seguiu pelo picadão abandonado da linha telegráfica, em direção ao rio, atrás do siuintyahlsu. Não tardou, ouvimos um tiro. Logo mais, outro. Katunkulusu voltou contando que siuintyahlsu prepara na ponte velha do Sapezal e atirou nele. Caiu morto e foi com as águas.

Depois da morte, siuintyahlsu vira macaco. Siuintyahlsu é o atasu principal dos nanbikuára.

2. SUKAYODYUTU. (Fig. 2).

É pessoa originada de cobra venenosa. Como o siuintyahlsu, não tem o movimento dos joelhos, mas é muito veloz quando corre. Não sabe andar no campo. Pia como macuco. Usa cocar de pena de tucano e colar de dente de macaco. A sua arma é a ponta redonda da flecha, que produz uma ferida parecida com a mordidura de cobra.

Sukayodyutu vive mais debaixo de hatitzu, um pau de espinhos. É a atasu mais perigoso. Para matá-lo, pode-se usar a flecha comum, porém, o mais seguro é a flecha jurupará pintada de urucu (6) ou a de farpa. O único lugar mortal é o joelho.

Um dia Katunkulusu encontrou o sukayodyutu e o flechou. Esse caiu no chão, mas se levantou e foi embora.

3. KIKIÄUHLU. (Fig. 3).

De corpo todo branco. O cabelo é muito comprido, "mulher parsi irmão". Kikiäuhlu, homem e mulher, andam muito asseados e tem sempre a aparência de novos. Costumam usar cocar de pena de arara vermelha. O caminho de kikiäuhlu são os pequenos córregos. A ariranha é o seu "cachorro". Por isso, o nanbikuára nem mata e nem come a ariranha. Se o fizer, pega doença e morre. Quando o kikiäuh-

lu quer matar alguém, manda uma espécie de vento que entra no sangue da pessoa.

Kikiãuhlu vive na água, de preferência nos saltos. Alimenta-se de mandioca, milho e batata, colhidos no fundo dos rios. Às vezes basta ver o kikiãuhlu para ficar doente, quando se chega em casa.

O encontro com kikiãuhlu é muito raro, porque as almas dos parentes sempre estão cuidando para isso não acontecer.

4. ALUTZU.

Pessoa que se origina da catinga do cadáver putrefato. Pode a qualquer instante transformar-se em cobra. Costuma carregar uma panela de barro comprida nas costas, à maneira de xire. Cria nuhàn. ànsu (corujão do campo), de uma única asa, que costuma sobrevoá-lo. Por isso, quando se ouve o pio desse corujão, precisa-se ter muita cautela, porque o Alusu está aí por perto. O mais acertado nesta hora é acender logo um fogo, porque esse atasu poderá surgir de repente, segurar a pessoa, colocá-la dentro do xire de barro e levá-la para um lugar desconhecido de onde nunca mais poderá retornar. Foi o que ia acontecendo com o avô do Américo, da aldeia da Formiga: estava sondando jacu nas imediações de uma lagoa, quando chegou o Alusu e o pegou e jogou dentro do xire. A felicidade foi que havia um arco atravessado no meio do xire que o impediu de cair até o fundo e logo chegou uma alma e o libertou. O Alusu vive nos buracos abandonados da formiga carregadeira.

5. UAKANÁZU (Fig. 6).

É uma pessoa totalmente branca e de cabelo muito comprido. Tem quatro chifres vermelhos atrás da cabeça, "boi irmão". O índio que não é pajé, se o vir, adocece e morre, ao chegar em casa. Mora na água, mais freqüentemente nos grandes poços e saltos, para onde costuma levar e comer as crianças. Para o nanbikuára, o nosso boi lembra o uakanázu (7).

6. DAUÄUEDNDISU.

Esse atasu, como o Alusu, deriva-se da catinga dos mortos. Os ossos dos joelhos, das costelas e da testa são expostos. Mata a pessoa de noite, batendo com esses ossos, quando não o faz apenas com um susto. Por isso, quando é necessário andar de noite, sempre se faz com muita cautela. Dauäuedndisu usa nas costas um couro de onça.

Um dia, o índio lua.ialauhsu saiu da aldeia com toda a família. Ao voltar mais tarde, viu uma sepultura aberta no terreiro da aldeia. lua.ialauhsu deixou a família um pouco atrás e se aproximou sozinho. Viu Dauäuedndisu sair da sepultura e se dirigir para a casa de lua.ialauhsu. Esse acompanhou um pouco de longe o atasu e, quando chegou dentro da casa, viu-o roendo um osso de gente. lua.ialauhsu matou o Dauäuedndisu ali mesmo e se retirou imediatamente com a

família e foi pousar no mato. No dia seguinte saiu percorrendo todas as aldeias, avisando do acontecimento, e nunca mais voltou àquela aldeia.

7. KALINHA.

Apenas no grupo nanbikuára do rio Galera fui informado desse atasu. É uma pessoa toda cabeluda que anda saltando pelos paus e gritando como uma criança de colo. Quem não distingue bem o grito do Kalinha pode se aproximar enganado. E basta escutá-lo para se poder morrer ao voltar para casa.

Os filhos do Kalinha são muito semelhantes ao macaco coatá. Kalinha mora dentro dos morros altos e pode pegar a gente, levar para lá e levar pra sempre.

Quando se encontra uma onça sentada com seu filhote em cima de um pau grosso caído no chão, é sinal de que a onça pegou um filhote do Kalinha para filhote dela comer. Nessa hora é perigoso se aproximar, porque a onça avança e mata a gente.

8. KALINSU.

É um atasu que alumia de noite, como o Siuintyahlu. É perigoso dormir no mato sozinho, porque Kalinsu pode encontrar a gente com a sua luz e levar para cima de uma árvore, deixando num galho reto e bem liso de onde a gente não poderá descer mais. Kalinsu gosta muito de ficar em cima das árvores, comendo mel xupé.

Como o antecedente, somente no rio Galera tive informação a respeito desse atasu.

B — ANIMAIS FANTÁSTICOS.

9. UAKALATASU (UAKLITASU) (Fig. 4) (8).

Trata-se de um jacaré de tamanho descomunal, medindo só o focinho dez passos de comprimento e cinco de largura. O macho possui três rabos e a fêmea, dois. A urina é tão forte que basta o cheiro para dar dor de cabeça, provocar tontura e fazer perder o apetite.

Gosta muito de levar a pessoa para dentro da água e engolir. Vive nos saltos e é muito difícil ser visto. Os filhos moram nos córregos, enquanto não são capazes de subirem os saltos e é perigoso tentar pegá-los porque o velho uakalatasu vem atrás.

— “Isso parece mentira, mas não é” — justificou-se o informante.

Somente um pajé muito prático mata o uakalatasu. Ianala.nunlahlu, faz tempo, matou um. O melhor é sempre fugir do uakalatasu: “nem flecha, nem tiro mata esse bicho. Acho que só mosquetão” — concluiu o índio.

10. PÔDNTZU. (Fig. 5).

Descrito como um animal de dois espinhos vermelhos na cabeça e mais alguns nas costas. Um outro informante se referiu a chifres. Costuma pegar as crianças e as carregar espetadas nos espinhos das costas. Pôdntzu tem o rabo curto, mas os pés são muito compridos. Mora nos lugares alagadiços, onde dá muito pé de buriti. Ao meio-dia costuma sair também no campo seco. Anos atrás, um grupo nanbikuára fazia três batelões no rio Buriti, a mandado de Haroldo, o encarregado do seringal. Suspenderam o trabalho, dizendo terem visto pôdntzu.

11. UALURU. (Fig. 7). (9).

Como a ariranha, vive sempre na água. Em cada pé tem apenas uma unha com as cores amarela, vermelha e azul. Um informante disse: Somente a alma mata e come o ualuru e, nesse caso, deve sempre levar a sua unha, pois, do contrário, essa cresce e forma um novo ualuru. Outros informantes afirmaram que as pessoas velhas podem comer o ualuru, mas se um novo o fizer, morre. Faz tempo, o velho Dúliru comeu carne de ualuru. Dizem que o ualuru é muito gostoso, porque tem muita gordura.

Disseram ainda que um nanbikuára também pode matar o ualuru, usando a espada (lança achatada de madeira). Quando se mata o ualuru, não chove.

O ualuru faz a água minar e, quando é demais, é até um perigo.

A figura 7 mostra apenas as costas do ualuru.

A descrição nos leva a pensar no tatu canastra, mas de tamanho menor.

12. HATÍKISU. (Fig. 8).

Companheiro do ualuru, hatíkusu é quem o carrega para debaixo do chão, para fazer minar a água. Hatíkusu é uma espécie de tartaruga da água. O casco é tão duro como uma pedra. Vive nas cabeceiras dos córregos e, se uma pessoa bebe a água onde Hatíkusu urinou ou defecou, pega lombriga e morre. A urina é tão forte que basta tocar numa pessoa, para se formar uma ferida incurável, advindo a morte com o decorrer do tempo.

Uma ocasião toda uma aldeia nanbikuára foi passear na região entre o rio Papagaio e o Juruena e acampou próximo a um poção onde pescaram e tomaram banho. De volta à aldeia, logo no primeiro dia morreu uma moça. No dia seguinte, mais uma. Mais outra. Mais três moças e um moço. Desconfiaram então da água daquele poção e mandaram o pajé examiná-la. Esse constatou ter o hatíkisu urinado e defecado no poção. Procurou o hatíkisu e o matou.

13. ALAA.INTZU (ALAATASU). (Fig. 9).

É uma arara maior e mais vermelha que a comum. Uma delas

vive nas imediações da lagoa Kasulen.iedndisu, próxima ao rio Juína. Se uma pessoa chegar perto dessa lagoa e perceber que o céu começa a se tornar vermelho é sinal evidente de que alaa.intzu viu a pessoa. Virá logo à sua procura. Se a pegar, segura-a com as unhas do pé e a bica até matar. O mais seguro, ao notar que o céu se faz vermelho, é afastar-se imediatamente e, mais seguro ainda, nunca chegar perto daquela lagoa.

Basta ver alaa.intzu, para vomitar e necessariamente morrer, porque nenhum pajé conhece remédio para esses vômitos. O maior perigo, no entanto, é para a mulher que acaba de dar à luz e sobretudo para a menstruada, porque alaa.intzu cheira e persegue o sangue catamenial. Alaa.intzu é irmã do jcaré.

O nosso informante afirmou que nunca viu o alaa.intzu: "Só papai velho que viu e contou".

14. ALÛN.LAHATASU.

É uma sucuri de tamanho colossal. Vive na água e, às vezes, à maneira do ualuru, faz jorrá-la nas cabeceiras dos córregos. Uma vez um homem foi pescar num córrego e viu o corpo enorme de um bicho estirado no chão, parecendo um pé de buriti caído. Quis ver a cabeça daquele monstro, para ver que bicho era. Acompanhou-o, a uma certa distância. Depois de andar muito tempo, deu com o rabo dele. Mas o que queria ver, era a cabeça: retornou pelo mesmo caminho. Depois que andou muito tempo, aproximou-se do bicho para ver onde já estava: ainda era o corpo. Continuou andando e depois foi ver de novo. Agora notou uns riscos vermelhos:

— "Acho que a cabeça está perto" — pensou, e continuou andando. Mais na frente viu mais uns riscos vermelhos e, daí a pouco, encontrou a cabeça. A enorme sucuri tinha a boca aberta.

— "Eu nunca vi esse bicho. Acho que é o alùn.lahatasu, de que falam os antigos" — pensou.

Voltou imediatamente para casa e contou para os outros homens. E todos acharam:

— "É o alùn.lahatasu mesmo!" Mas ninguém quis ir ver. E se mudaram para uma nova aldeia, que Rondon chamou depois de Aldeia Vinte.

15. DIHATASU. (Fig. 10).

Trata-se ainda de uma sucuri fora do comum, com um dente muito grande e torto como um anzol. Vive na água e engole uma pessoa inteira.

16. NITALÚKISU.

É um "boi" da água. Tem a cabeça muito grande e chifres. Passa

o tempo deitado nas grandes lagoas. Não come gente. O nitalúkisu, como o pôdntzu, lembra o boi.

17. HAIALÁ.LATASU.

É um daqueles atasu que hoje não existem mais. Encontrava-se por toda a parte. Quando cheirava o fogo, vinha na certa e perseguia a pessoa até matá-la. Era a mãe da paca. Uma ocasião um velho nanbikuára estava caçando e ouviu um grito estranho. Voltou para casa e contou para todo o mundo. Os pajés foram ver e viram que se tratava do haialá.latasu. Flecharam-no e esse atasu morreu e acabou de uma vez.

18. SANÍ.KALISU.

Como o anterior, não existe mais. Apenas se conhece o nome e existe na lenda.

C — ANIMAIS REAIS PERNICIOSOS.

19. UAIHALATASU. (Fig. 11).

É um inseto que vive nas lagoas, de preferência nas mais sujas. Tem um ferrão, "jurupará irmão", isto é, como a ponta da flecha jurupará. (10). Voa de noite e, ao clarear do dia, volta à lagoa. Às vezes finca o ferrão na barriga da perna de uma pessoa, causando uma intensa dor. O nanbikuára usa para curar esse ferimento um remédio chamado inekusu, tirado do arbusto ajaré. (11).

Sempre que nanbikuára encontra o uaihalatasu, o mata, mas nunca o come. Não conseguimos identificá-lo em português.

20. IDNTZU. (Fig. 12).

Pela descrição do índio, entendemos tratar-se de um inseto. Possui um ferrão atrás e, quando ferroa uma pessoa, deixa uma parte do ferrão dentro da carne, podendo sobrevir uma infecção e ser fatal. É muito comum no rio do Piolho, disse o nosso informante. Vive nos paus das imediações das lagoas. O índio Duduiru morreu de uma ferroadada do idntzu.

21. HAIÊHRU. (12).

É um inseto, um percevejo muito fedido. Vive mais nas folhas da batateira e da cabaceira. A urina é muito forte e dolorida nos olhos.

22. KALĀINSU. (Fig. 14).

É um coró (13). Quando kalāinsu está pregado num pau e uma

pessoa mexe com ele, finca o dente, que se quebra, dentro da carne e logo infecciona, podendo até causar a morte. O ferimento da unha tem o mesmo efeito que a mordidura. É como um machado. Kalãinsu vive nas cascas das árvores. Tem a boca durã. Não se come. (14).

23. IRINÃUNSU. (Fig. 13).

É ainda um coró do campo, vivendo, como o anterior, nas cascas de írikatu (uma árvore) (15). Cospe "água" no joelho da pessoa, sobrevivendo a paralisação e a morte: "tinaru irmão"; como veneno.

D — FENÔMENOS DA NATUREZA.

24. UADNDISU.

É o redemoinho de vento. Uadndisu anda de cabeça para baixo e os pés para cima. O joelho é liso e a cabeça pelada. Gosta de entrar e de pegar a pessoa pelo braço e jogá-la dentro do fogo, por isso, se chama o pai e o dono do fogo. Costuma ainda carregar as crianças para cima, chupar-lhes o sangue e depois dependurar a pele, para as abelhas comerem. Se se flecha o uadndisu, ele mandã uma chuva de pedra, para quebrar as cabaças. Para outro informante, o uadndisu é

apenas o rasto de um atasu: quando o uadndisu aparece, o nanbikuára flecha para cima onde está de verdade o atasu e o uadndisu corre para longe e morre. Faz tempo uadndisu pegou uma mocinha e a jogou dentro do fogo, morrendo imediatamente. Também suspendeu uma velha que foi cair longe e morrer.

Apenas no grupo nanbikuára do rio Galera fomos informados de que o relâmpago é um atasu. Quando relampeja, o homem não pode copular com a mulher porque senão o relâmpago poderá vir copular também e nascer um atasu. . . "Feio!" — disse o índio. Cuidam

25. RELÂMPAGO.

nas horas de relâmpago que as mulheres nem sequer fiquem deitadas, para evitar qualquer perigo nesse sentido.

26. TEMPESTADE.

Uma ocasião, um grupo nanbikuára foi caçar no rio Camararé. Pousaram numa várzea e, à noite, ouviram um grande barulho fora do rancho. Não podia ser chuva, porque era no mês de agosto. Então o pajé saiu e viu que era vento-atasu. Fizeram um grande fogo com paus grossos e ainda se seguraram nas árvores, para o vento não os levar. Enquanto isso, o pajé matou o atasu e lhe tomou o arco sem corda. Todos queriam ver o vento-atasu morto, mas o pajé não deixou,

porque morreriam todos. Tomaram banho, esfregaram nas mãos uma flor amarela chamada iáunsikisu e voltaram para a aldeia.

27. ARCO-ÍRIS.

Para o nanbikuára, o arco-íris é formado pela urina de katún.katunhru (16), e de dihatasu (cf. número 15, Fig. 10). O rabo do arco-íris é vermelho e nasce do chão.

28. RAIO.

É uma cobra com cabeça de ferro que racha as árvores e mata a gente. O tio do índio Bacana morreu de um raio.

29. BÓLIDO. (17).

A alma de um homem mau vira esse atasu.

E — COISAS

30. SOMBRA.

Somente é atasu a sombra comprida da pessoa de manhã e de tarde. A sombra pequena, ao meio-dia, pode ser a maneira como a alma de uma pessoa se apresenta e não é um atasu.

31. RELÓGIO. (18).

III — AÇÃO DOS ESPÍRITOS MAUS

Toda a ação dos espíritos maus sobre o nanbikuára se restringe a causar doença e morte. Restringimo-nos aqui à ação dos espíritos maus — pessoas fantásticas. Na descrição dos outros, ficou patente sua ação contra o nanbikuára. (19).

As pessoas fantásticas mais atuantes são os siuintyahlusu, o kikiãuhlu e o uakanázu.

Quando há na aldeia algum doente, o corujão vai avisar o atasu. Às vezes basta o mau hálito da boca do doente, para atrair o atasu. Por isso, os homens parentes do doente, não podem deixá-lo sozinho, sobretudo à noite, porque senão o atasu poderá se aproximar e arrancar a alma do doente e levá-la para o mato e comer junto à água. Outro informante disse que o atasu arranca só o coração do doente e come.

Às vezes basta que o atasu arranque apenas um cabelo do doente para esse morrer. Isso é mais próprio do kikiãuhlu.

Apesar do cuidado das almas para que um nanbikuára nunca se

encontre com algum atasu, isso às vezes acontece e contrai infalivelmente uma doença. Antigamente, quando o nanbikuára criava somente coruja, papagaio e arara, o atasu costumava carregar as mulheres e entregar para outro atasu. Devido aos cachorros, isso é mais raro. A mulher menstruada não pode se aproximar muito da água com lodo, porque este atrai muitas vezes o atasu.

O eclipse do sol e da lua é uma "sujeira" — outro informante falou de "nuvem" — que o atasu coloca no rosto desses astros, para matá-los. Com a morte do sol e da lua, viria uma grande e contínua escuridão sobre a terra, a maior desventura que o nanbikuára pode imaginar — como ainda se formaria uma grande tempestade, apagando o fogo e trazendo grande frio, impedindo o nanbikuára de trabalhar e, por conseguinte, causando-lhe a morte.

O trovão é ainda obra do atasu. Para produzi-lo, pega a cabeça da cobra coral com uma mão e com a outra, o rabo e joga: daí estala o trovão, que é sempre um perigo.

O halo da lua é trabalho do atasu, para matar e comer o nanbikuára, "salaunsu irmão", igual a índio que come outra gente. (20).

Por fim, o atasu, às vezes, pega o teiú pelo rabo com uma mão e com a outra, a cabeça e joga: forma-se a chuva de pedra que vem quebrar as cabaças.

IV — MECANISMO DE DEFESA.

Os grandes, e parece que únicos, defensores dos nanbikuára contra a ação dos Espíritos Maus são: Dà.uãsununu (ente superior), do. uaunkidisu (alma) e uaníndisu (pajé). Geralmente esse último entra em contato com as almas para que essas cheguem até Dà.uãsununu "igual bilhete", e alcancem deste, a libertação da ação pernicioso do atasu. Nesse contato, o pajé deve estar sempre com kun.núnkusu (colar das almas) e reza, convidando as almas mais práticas.

Às vezes a alma e o pajé agem sozinhos na luta contra o atasu, mas sempre contando de alguma forma com a ajuda de Dà.uãsununu. Assim, quando a alma encontra o atasu, pega-o pelo pé, rodopia-o até o matar.

Quanto ao ualuru, como já dissemos, na descrição desse atasu, pelo menos segundo um informante, somente a alma consegue matá-lo. Quanto aos uakalatasu, além da alma, também um feiticeiro muito prático poderá matá-lo, mas precisa usar o colar das almas e uma pedra especial. É um perigo para o pajé matar um atasu e sempre precisa, nessa hora, usar o colar das almas. O atasu mais perigoso para o pajé é o sukayodyutu.

Hoje os pajés não conseguem matar o uakalatasu, porque não são muito práticos e nem possuem aquela pedra especial.

As almas cuidam de que o nanbikuára não se encontre com o atasu e que esse não se aproxime das aldeias. Certa ocasião, alguns nanbikuára foram caçar para os lados do Bacaiuval, para a festa de uma moça nova. De volta da caçada, o índio Bacana ouviu um barulho

dentro do mato. Pensou que era algum caitetu ou macaco. Entrou no mato, sondando devagarzinho. Viu em cima de um pé de angelim uma pessoa estranha e feia... muito feia. Pensou: é um atasu! Ficou tomado de tamanho medo que perdeu a voz. Quis gritar, mas não conseguiu. Começou a andar de costas, voltando devagarzinho e com todo o cuidado. Apareceram as almas dos seus tios e lhe perguntaram o que estava acontecendo. Não pôde responder. As almas logo compreenderam: estava com medo de algum atasu. Indicaram-lhe o rumo dos companheiros. As almas ainda ficaram controlando o atasu. Não se sabe se as almas mataram ou não aquele atasu. Bacana alcançou os seus companheiros e contou tudo. Correram imediatamente para a aldeia e passaram muitos anos sem entrar naquele mato.

Quando se sonha com o atasu, é que ele anda por perto. Não consegue entretanto se aproximar porque a alma vigia. Hoje usam a espingarda para afugentar e matar o atasu.

Para não deixar a lua "morrer" sob a ação do atasu, todo o grupo se reúne sob a orientação do pajé e pede às almas que intercedam junto a Dã.uãsununu, que não deixe a lua morrer, Reza assim:

— "Olhem, nós estamos com medo de a lua morrer. Diz Dã.uãsununu que não deixe ela morrer, porque senão nós vamos morrer também!"

Assistimos a esta cerimônia duas vezes, uma em Utiariti, na noite de 25 para 26 de agosto de 1961 e outra, na Serra Azul, de 12 para 13 de abril de 1968. (21).

Não assisti junto com os índios, a nenhum eclipse do sol. Mas me contaram que fazem a mesma cerimônia.

V — OS ESPÍRITOS MAUS NAS LENDAS.

OS PAJÉS E O ATASU.

Naquele tempo não havia machado para derrubar o pau da abelha. Dois homens foram caçar em Si.uaduli.kiausu. Um era pajé e o outro não. Acharam mel xupé. Puseram fogo no pé do pau para afugentar as abelhas. Quando elas saíram, o pajé ficou embaixo e o outro homem subiu no pau para tirar o mel. Nisso ouviram o barulho do atasu que vinha vindo de cima. Logo o pajé pegou uma vara comprida e encostou na árvore para o companheiro descer e escapar do atasu, que estava já bem perto. Mas o homem, ao descer, não segurou direito na vara e caiu no brejo e destroncou os dois pés. O pajé, muito rápido, espetou o atasu na ponta da vara. O bicho esticou os pés para trás, abriu os braços e morreu. O atasu ficou ali e o pajé carregou o companheiro para casa. Contou a história para todo o mundo.

No outro dia, vieram mais dois pajés, para verem o atasu morto. Não mexeram nele, porque desejavam que toda a aldeia viesse vê-lo, para acreditarem quando os pajés falam dos atasu. Foram todos. Mas os pajés tiveram o cuidado de colocar antes, nos que não eram pajés,

o colar das almas, porque senão iam morrer. Acreditaram nos pajés. Estes recolheram os colares das almas. E assim hoje acreditam nos pajés, quando falam dos atasu.

MOÇO LIVROU-SE DO ATASU VIRANDO PALMEIRA.

Um dia, um atasu pegou um moço e saiu, levando-o para casa. Quando ia chegando perto, largou o moço. Em casa falou para a filha:

— Ali na estrada, deixei um moço para você!

A mocinha foi. O moço viu-a chegar e disse:

— Pode vir, você é muito bonitinha!

Quando a menina ia se aproximando, o moço virou uaidiru (palmeira de espinho) e fez menção de segurá-la.

A moça correu para casa e contou ao pai. Não acreditou e mandou a filha mais velha ver.

— É verdade, papai, aquele moço vira palmeira de espinho quando a gente chega perto dele!

— Deixem de história, ele não vira palmeira de espinho: eu o trouxe de lá de longe e não vi nada disso!

— Então vai você, papai, buscar o moço! — disseram as duas.

— Eu vou mesmo!

As duas moças o acompanharam, querendo ver. Quando foi chegando perto, o moço virou uaidiru de novo e avançou no atasu. Travaram uma luta. O atasu não podia se livrar.

Então as duas filhas começaram a achar graça e diziam:

— Tá vendo, papai, e você não queria acreditar!

Mas no fim se livrou e voltaram os três para casa.

O HOMEM ENGANOU O ATASU.

O atasu estava tirando coró num pé de buriti. Chegou um homem e pediu para tirar também.

— Pode tirar, mas só um pouco!

O homem pegou uma folha grande e foi enchendo de coró apressadamente e ia falando:

— Os corós estão me mordendo no dedo! os corós estão me mordendo no dedo!

Apanhou mais coró do que o atasu tinha deixado. Embrulhou e correu. Tinha levado quase tudo.

O atasu percebeu:

— Um dia você me paga!

Lá na frente, o homem encontrou uma anta deitada. Espantou a anta para ver se ela corria para o lado do atasu. Ela foi mesmo.

— Lá vem o homem! — pensou o atasu, e se escondeu com uma espada na mão.

Quando a anta ia chegando perto, o atasu avançou e deu com a espada bem na cabeça da anta. Morreu na hora. Tirou o fígado para comer. Aí notou que era fígado de anta e não do homem.

— Ah, homem sabido! escapou de mim! — disse o atasu, e foi embora.

O HOMEM QUEBROU A MÃO DO ATASU.

Um velho sempre saía para caçar. Assava a carne e a guardava no chão perto da parede da casa, para comer no dia seguinte, antes de sair para caçar de novo. Toda vez a carne desaparecia. O velho ficava pensando que eram os outros e não dizia nada, porque a carne era para todos mesmo.

Um dia os companheiros queixaram-se de que o velho caçava e não dava pra ninguém.

— Mas não são vocês que estão comendo essa carne?

— Não, não somos nós.

— Então, vou descobrir quem é.

No outro dia, o velho matou um tatu liso, assou e deixou no mesmo lugar. De noite, ficou sondando com um pau na mão. Certa hora escutou umas pisadas do lado de fora. O velho levantou o pau. Uma mão entrou na palha da casa e pegou a carne. Viu que era mão de um atasu e desceu o pau.

O atasu retirou a mão e correu. O velho acordou todo o mundo e contou a história.

Quando amanheceu o dia, os homens foram na batida do atasu para matá-lo. Lá na mata, ouviram uma voz que dizia:

— Oh, o meu braço! Oh, o meu braço! Aquele homem quebrou o meu braço! e logo ouviram uma voz de mulher:

— Não fale isso, porque senão os homens vão vir e nos matar! Gême assim: Ai, ai! o meu dente está doendo!

— Aquela voz é a dele e da mulher. Precisamos ir agora devagar e... cuidado! — disseram os homens e foram chegando.

Quando apareceu a casa, os homens avançaram e mataram o atasu, a mulher e os filhos.

O SAPO MATA O HOMEM-ATASU.

Um homem foi caçar e levou a mulher e os filhos. Lá no campo, sentaram-se para descansar. A mulher viu uns piolhos muito grandes na cabeça do marido, mas não disse nada.

Depois se levantaram e seguiram. Encontraram um buraco de aru (tatu liso). O homem começou a cavocar, jogando a terra para fora. Depois de um tempo sumiu no buraco e nem se ouvia mais nada.

Então a mãe mandou o filho mais velho espiar dentro. O menino espiou e voltou dizendo:

— Mamãe, eu vi fogo. Eu acho que papai virou atasu.

A mãe foi ver também. Era verdade. A mãe disse baixinho para o menino:

— Agora você pega a irmãzinha nova e ali, um pouco longe, dá um beliscão nela.

Quando a menina chorou, a mãe aproveitou para falar bem alto:
— Vamos embora, a criança está chorando!
O marido não saiu. Então a mulher pegou as crianças e foi embora. Lá na frente, encontrou kuãhru (sapo) cantando no alto:
— Kuã, kuã, kuã, — no oco de um pau.
— Você está aí em cima cantando no oco deste pau, sapo, e eu estou aqui no chão com as minhas crianças. Meu marido foi cavocar um buraco de tatu e virou atasu lá dentro e agora mesmo vem nos matar!

O sapo pôs a cabeça fora do oco do pau:
— Você pode subir aqui com suas crianças que eu escondo vocês!
O sapo colocou a mulher e as crianças num cantinho do oco do pau e ficou na porta com atúkusu (espada) na mão.

Daí a pouco, o atasu vinha vindo mesmo, pelo rasto da mulher, gritando, com o tatu debaixo do braço. No pé do pau, acabou o rasto e o atasu ficou rodando. O sapo cantou:

— Kuã... kuã... kuã...

O homem-atasu olhou:

— Você escondeu a minha mulher e as minhas crianças aí em cima, porque aqui mesmo é que terminou o rasto!

— Eu não vi nem mulher e nem criança nenhuma. Mas se você não acredita, pode subir para ver.

O homem-atasu começou a subir. O sapo preparou a espada. Quando o homem-atasu foi metendo a cabeça no oco do pau, o sapo desceu a espada no pescoço. O homem-atasu morreu na hora.

O sapo disse para a mulher:

— Agora você pode ir embora, mas leva essa espada. Quando chegar em casa, mata com ela a irmã desse homem-atasu, porque está saindo sangue dela (menstruada) e pode virar atasu e matar você e as crianças.

A mulher fez direitinho como o sapo dissera.

Ainda hoje, a gente viaja e ouve o kuãhru cantar no oco do pau.

VELHO COMEU ATASU E MORREU.

Não faz muito tempo dois moços disseram: vamos brincar de atasu uadndisu!

Um carregava o outro de cabeça para baixo.

Daí apareceu um atasu de verdade. O pajé matou esse atasu e o deixou no meio do caminho. Os outros foram ver. Um velho disse:

— Isso não é atasu, é macaco-preguiça. É gostoso, vou comer.

— Não é macaco-preguiça, é atasu mesmo — disse o pajé.

O velho teimou, teimou, assou o atasu e comeu.

Durante um tempo apareceu muito atasu, porque os moços brincaram de atasu.

OS SIUINTYAHLUSU COMEM OS PRÓPRIOS COMPANHEIROS.

Faz tempo o grilo era gente. Um dia dois irmãos grilos foram

caçar. Anoitecendo, pararam para dormir. No dia seguinte, uma siuintákulusu (mulher do siuintyahulusu) chegou com uma criança nos braços, e parou perto do fogo. Colocou a criança no chão e essa saiu engatinhando em direção ao grilo mais velho.

— Esse não é seu pai! — disse siuintákulusu. Pegou a criança e foi embora.

O grilo acordou o seu irmão mais novo e contou a história para ele.

— Então vamos fazer uma casinha redonda pra matar essa siuintákulusu, porque eu acho que ela vai voltar hoje de noite! — disse o grilo mais novo.

Fizeram a casinha e ficaram na porta, cada um com uma espada na mão.

Depois que escureceu, ouviram um barulho se aproximando. Olharam: Siuintákulusu vinha acompanhada de muitos outros siuintyahulusu. Dois siuintyahulusu chegaram até a porta da casa e entraram.

Os dois grilos baixaram as espadas nas costas dos siuintyahulusu. Morreram na hora.

Os grilos treparam na cumeeira da casa. O mais velho colocou o irmão nas costas e saltou muito longe fora da casa, e ficaram olhando.

Os outros siuintyahulusu, quando ouviram o barulho, correram e foram logo pondo fogo na casa. Ficaram rodeando, esperando os grilos sair. A casa queimou toda e nada dos grilos aparecerem. Então os siuintyahulusu começaram a remexer a cinza. Encontraram a carne dos próprios companheiros, mas, pensando que era dos grilos, foram comendo.

— Estão comendo os companheiros deles mesmos! — diziam os grilos.

Depois voltaram para a aldeia. Contaram a história.

VARIANTE DA MESMA LENDA.

Faz tempo dois homens irmãos foram caçar, deixando as mulheres em casa. De noite fizeram fogo e no mato, perto do campo, dormiram, um ao lado do outro, com as cabeças na mesma direção.

No outro dia, escuro ainda, chegou siuintákulusu com uma criança nos braços e sentou-se entre as cabeças dos dois homens.

A criança saiu dos braços da mãe e, engatinhando, foi para cima de um homem e depois para cima do outro.

Quando acabou de amanhecer, siuintákulusu foi embora. Os homens conversaram e resolveram chamar mais gente para matar siuintákulusu.

Fizeram espadas e uma casa redonda e esperaram siuintákulusu voltar.

Bem de noite siuintákulusu chegou com muitos siuintyahulusu. Falou:

— Aqui está a casa deles!

Os homens mataram os dois primeiros que se aproximaram, que-

brando a cabeça com as espadas e, depois disso, saíram e treparam numa árvore. Os outros siuintyahlusu vieram e carregaram os próprios companheiros mortos num xire, para comer.

Depois, os homens desceram da árvore e foram para a maloca e contaram como mataram dois siuintyahlusu.

A MORTE DE SIUINTY AHLUSU.

Dois irmãos saíram a caçar: um era pajé e o outro não. Lá dentro da mata ouviram grito. Quiseram ver. Era um siuintyahlusu no galho baixo de uma árvore.

— Venham aqui, tem muito coati nos galhos altos dessa árvore! Eu não quero sacudir os galhos, porque senão eles vão cair e ir embora. — Disse o siuintyahlusu.

Os dois irmãos aproximaram-se mais. O siuintyahlusu mandou:

— Peguem dois paus e vamos matar esses coatis para comermos.

O pajé desconfiou e falou baixinho para o irmão:

— É siuintyahlusu. Ele quer é nos enganar. Quando estivermos lá em cima, vai tomar os paus de nossas mãos e nos matar.

— Olha, disse para o siuintyahlusu: os galhos desta árvore são muito lisos. Eu vou jogar primeiro um pouco de cera para você passar neles para podermos subir!

Abriu uma cera mole e jogou com toda a força nos olhos do siuintyahlusu. Esse foi tirar a cera e caiu no chão. Os dois irmãos pegaram os paus e o mataram. Correram e foram embora.

HOMEM CORTA O BRAÇO DE UM SIUINTY AHLUSU.

Um homem foi caçar e levou sua mulher. Encontraram o rasto de um tamanduá-mirim e o foram seguindo. O rasto foi terminar num pau com um oco em cima. O homem subiu e alargou um pouquinho mais o oco com o machado de pedra. Meteu uma varinha lá dentro e saiu um cabelinho na ponta da vara. Mas o homem nem olhou direito.

Abriu um pouco mais o oco e agora meteu o braço para puxar o tamanduá-mirim. O que vinha vindo era o braço de um siuintyahlusu. Com uma mão acabou de puxar e com a outra firmou o machado e cortou a mão do siuintyahlusu. Mostrou-a à sua mulher e a colocou novamente no oco do pau e saiu correndo.

Lá longe, ouviram ainda o siuintyahlusu, mas nem olharam para trás e continuaram correndo e não pararam até chegar na aldeia.

SE FOSSE PAJÉ...

O velho Ne.alusu foi caçar e matou um porco. Assou-o, guardou-o e foi caçar de novo. A mulher ficou em casa com as crianças.

Chegou um homem bem alto. A mulher deu-lhe a cabeça de porco para comer. O homem abriu a queixada do porco, cuspiu dentro e não comeu nada. Foi embora dizendo que voltaria de tarde.

Ne.alusu chegou e viu a queixada do porco aberta:

— Vocês estragaram essa carne!

— Não fomos nós que abrimos: chegou aqui um homem muito alto e eu dei a cabeça do porco para ele comer. Ele só abriu a queixada, cuspiu dentro e saiu dizendo que voltaria de tarde.

Ne.alusu fez um fogo, acabou de abrir a cabeça do porco e moqueou de novo. Logo mais chegou aquele homem. Ne.alusu viu que era siuintyahlusu.

— Estamos perdidos, vamos morrer todos! — disse Ne.alusu.

— Não é assim, amigo! Eu gosto de todos vocês! — respondeu siuintyahlusu. E acrescentou: vamos cantar e dançar para ficarmos alegres!

Começaram a dançar. Siuintyahlusu abraçou Ne.alusu, a mulher e as crianças.

Toda a família morreu. Isso não teria acontecido, se Ne.alusu fosse pajé. Mas ele não era!...

O PAJÉ MATA UM SIUINTY AHLUSU.

Um pajé foi passear em outra aldeia, deixando suas duas mulheres em casa com os outros da aldeia. Chegou um siuintyahlusu e ofereceu cigarro para todo mundo. As duas mulheres do pajé não fumaram. Os que fumaram, morreram todos.

O pajé voltou e as mulheres contaram tudo. O pajé disse:

— Ele vai voltar para carregar os mortos. Eu vou matá-lo.

Pôs um colar de tucum no pescoço, uma flor de pena de tucano no nariz, pintou-se ainda todo de barro preto e se deitou de bruço no chão, com uma espada escondida por baixo, fingindo-se morto.

Chegou o siuintyahlusu. As mulheres disseram, apontando para o marido:

— Esse morreu do primeiro cigarro!

Siuintyahlusu disse:

— Eu não vi esse homem.

Ainda assim, foi e colocou a mão na testa dele. Quando ia auscultar o coração, pajé cortou-lhe o pescoço com a espada. O siuintyahlusu morreu ali mesmo.

O pajé perguntou às mulheres:

— Onde ele veio?

— Desse rumo aqui — disseram as mulheres.

O pajé foi dar na casa da mulher siuintáklusu. Matou a ela e às crianças.

O pajé voltou e disse:

— Se eu estivesse aqui não teria acontecido nada disso!

Pegou suas mulheres e foi morar em outra aldeia.

SIUINTÁKULUSU FAZ UM HOMEM VIRAR PALMEIRA.

Dois moços irmãos foram caçar. Lá na mata, o mais novo ouviu um grito e disse:

— Vamos ver quem é.

— Não, é capaz de ser siuintyahlsu! — disse o outro.

O mais novo tanto insistiu que foram. E era siuintyahlsu mesmo. O siuintyahlsu disse:

— Aqui nessa árvore tem muito coati. Vamos matar, assar e comer!

O mais velho piscou o olho para o irmão e falou baixinho:

— Vamos voltar!

— Tem muito coati, venham! — repetiu o siuintyahlsu.

Os dois ficaram e mataram todos os coati. O siuintyahlsu convidou para comer coati na casa dele.

— Não. Vamos repartir aqui!

— Mas lá em casa tem beiju!

— Na nossa também tem!

— Já é tarde e minha casa é perto!

— A nossa também fica perto!

O siuintyahlsu tanto insistiu, que os moços acabaram indo para a casa dele.

Quando estavam comendo, o siuintyahlsu ofereceu as filhas em casamento aos moços. Casaram-se.

Dias depois, o siuintyahlsu mandou os dois casais apanhar coco de bacaba no campo. Quando o mais velho ia subindo no pé de bacaba, a mulher dele mandou:

— Você leva essa espada. Pode aparecer aquele gavião que ataca. Quando estava já perto das folhas, o gavião, apareceu e avançou. O homem deu com a espada no gavião, que caiu no chão com a asa quebrada. Embaixo as mulheres pegaram. O homem tirou coco, encheram o xire, puseram o gavião por cima e foram para casa.

A mulher falou:

— Pode comer, papai!

O velho pegou o gavião, saiu por um caminho e lá na frente pôs o gavião no chão e soprou. O gavião ficou bom, bateu asa e foi embora.

O siuintyahlsu, no dia seguinte, mandou buscar coco de bacaba de novo. O gavião tornou a aparecer. O homem fez como antes. As mulheres pegaram o gavião e acabaram de matar, quebrando no chão. Jogaram-no em cima dos cocos e foram pra casa.

— Pode comer, papai!

O velho, de novo, pegou o gavião, saiu pelo mesmo caminho e mais lá na frente o soprou. Não teve resultado dessa vez e voltou triste. Mandou as filhas preparar beiju, porque agora ele ia caçar tatu com o genro mais velho.

Ao dar o beiju, a mulher, baixinho, preveniu o marido:

— Meu pai quer matar você. . .

— Eu sei.

No campo, encontraram um buraco de tatu. . . O siuintyahlsu olhou. Não tinha nada. Outro buraco. . . nada. Mais três. . . e nada!

— Estamos sem sorte, disse o siuintyahlsu! Mas vou olhar melhor aquele terceiro buraco perto daquela palmeira!

Limpou e quando já tinha feito uma boa entrada, pediu ao genro para cavocar também. O genro meteu a cabeça no buraco. O siuintyahlsu apanhou uma palmeira e bateu com ela nas costas do genro. Este desviou e disse:

— Você queria me matar!

— Não, eu queria era ajudar!

— Mentira, você sabia que eu estava lá dentro. Agora, se quiser, pode cavocar, que não ajudo mais!

O siuintyahlsu continuou sozinho. Quando entrou no buraco, o homem pensou:

— Agora quem vai morrer é você! — Apanhou a mesma palmeira e fez a mesma coisa com o siuintyahlsu.

O siuintyahlsu morreu ali mesmo.

A mulher do siuintyahlsu viu o genro chegar em casa sozinho:

— Já sei, você matou meu marido. Espera!

A velha saiu, apanhou uns marimbondos apiacás. Os marimbondos foram certinhos no joelho do homem. O homem morreu.

As filhas, muito tristes com a morte do pai, não quiseram mais o irmão mais novo do morto. Cortaram umas varas, esticaram as pernas dele com as varas e deixaram. O homem virou paxiúva.

SÓ O PAJÉ RECONHECE O SIUINTY AHLUSU.

Um dia, de manhã cedo, um velho escutou um grito do macaco kate.zu (toc-toc), num pequeno capão de mato seco, numa cabeceira.

Pegou uma flecha e foi matar o macaco. Não achava o macaco. Quando voltava, escutava o macaco cantar de novo. Tornou a voltar e não achou o macaco. Voltou à casa e escutou de novo e canto do macaco.

— O macaco está lá mesmo, agora eu vou achar! Foi, procurou e ainda não achou.

Contou ao pajé o que estava acontecendo. O pajé disse que era atasu:

— Quer ver? Vou mostrar.

O pajé descobriu que era siuintyahlsu e o matou.

— Não falei que não era macaco?

Voltaram pra casa. Os outros disseram:

— Vamos pôr nome nesta cabeceira de Katô.nekisu (22).

O HOMEM QUIS VER O SOL.

Faz tempo uns nanbikuára saíram da aldeia para irem ver o sol de perto.

Andaram muito e muito tempo e não chegaram lá.

De volta, um homem entrou no mato. Um gavião de unha muito grande e lisa e pegou e levou para siuintyahlsu, que o comeu.

Os companheiros nunca mais quiseram ir ver o sol de perto.

SALÛ.KISU ESCAPA DA MOÇA KIKIÄUHLU. (23).

SalÛ.kisu antigamente era gente e tinha mulher e filhos.

Um dia salÛ.kisu foi deixar um xire de massa de piqui dentro da água para comer mais tarde. Quando se abaixou para colocar o xire na água, a moça kikiäuhlu chegou e carregou o salÛ.kisu para o fundo da água.

Lá embaixo era seco como o chão aqui fora e salÛ.kisu logo acostumou.

Mas um dia salÛ.kisu ouviu dukàluru (pássaro pedreiro) cantar lá fora:

— takaluru... takaluru... — e pensou:

— Acho que a minha terra não está longe. Dá até para ouvir o pedreiro cantar!

Um dia em que a moça kikiäuhlu se distraiu um pouco, salÛ.kisu pegou um pau, abriu um burquinho na água, viu a terra, deu um pulo e escapou. Quando a moça kikiäuhlu percebeu, ele tinha ido embora, e ficou xingando lá dentro o salÛ.kisu:

— Você escapou da morte!...

O KIKIÄUHLU E A SUCURI.

A sucuri estava na lagoa. Daí veio a anta. A sucuri deu um pulo, pegou a anta e a enleou pela barriga. A anta correu com a sucuri e lá, muito longe, no campo, a sucuri caiu e ficou pulando, pulando, pulando... A anta foi embora.

Depois de dois dias no campo aberto e sem água, a sucuri sentiu muita sede e estava fraca. Gritou, gritou, gritou muito. Os companheiros dela não ouviram.

Mas o kikiäuhlu veio ver o que era. A sucuri contou a história e disse que agora estava morrendo de sede.

Então kikiäuhlu amarrou a sucuri com cipó, colocou-a no ombro e saiu levando.

Mais na frente, a sucuri viu um pé de guariroba e disse:

— Aí tem água!

— É só capão de mato, temos de andar ainda cinco dias, para encontrar água!

A sucuri chorou e pediu ao kikiäuhlu para descansar um pouco e depois apertar o passo, porque senão ela morria de sede.

Depois de cinco dias chegaram a uma lagoa. O kikiäuhlu desatou a sucuri e ela bebeu água até não querer mais. Ficou alegre.

— Você não pode pegar mais a anta. Só deve comer veado, coati e os outros animais pequenos — disse o kikiäuhlu e foi embora.

A sucuri nunca mais pegou anta, até hoje.

TENTATIVA DE ACABAR COM O MUNDO

Não faz muito tempo kikiäuhlu fez minar água nas cabeceiras

dos rios, querendo espalhar água por todo o mundo, para nós todos morrermos. Os rios encheram sem chover.

Um pajé descobriu e convidou outro pajé e os dois foram ver o que era.

Acharam o kikiäuhlu, o robafo, o jacaré e a sucuri minando. Estes três eram atasu também. (24). Mataram o robafo, o jacaré e a sucuri e assim morreram três minadores e a água diminuiu.

Se estes dois pajés não tivessem matado esses atasu, ninguém viveria hoje em dia. Foi a salvação.

UALURU MATA TODA GENTE.

Um ualuru fez um buraco no chão e depois foi cavocando até ligar um córrego com o outro, por debaixo da terra. Aí encontrou um companheiro que o ajudou a ligar mais um córrego. Aí encontrou mais um companheiro. Os três foram ligando as águas em todos os rumos.

A terra ficou toda mole e começou a afundar. O fogo não acendia mais. Colocaram brasa numa cuia e essa se queimou.

O sol escureceu de dia, a lua não nasceu. Somente o areão aparecia.

As águas formaram um único e grande rio e toda a gente rolou e morreu afogada.

Cinco dias depois, o sol nasceu de novo e a lua saiu. Mas não havia mais gente: as almas viraram anta.

Foi a primeira geração nanbikuára.

Aquela escuridão deixou a pedra ualú.anensalatyutu, preta e muito dura, parecida com um urubu de chifre (25). Ficou nanbikuára lá dentro.

Tempos depois, hulí.haihaitalisú (bem-te-vi) quebrou a pedra e saiu o nanbikuára de hoje. (26).

A MORTE DE SANÍ.KALISU.

Dois moços estavam jogando bola. Um machucou o joelho num caco de panela, por causa de saní.kalisu. Os dois moços resolveram ir matá-lo.

A velha Uà.iednda.kalu sabia onde o saní.kalisu morava. Os dois moços disseram para a velha:

— Conta pra nós, onde mora o saní.kalisu. Nós vamos matá-lo hoje mesmo.

— Esse bicho é muito esperto. Vocês não vão poder matá-lo.

— Você não sabe o jeito que nós temos para matar esse bicho!

— É, eu não sei, eu já sou velha, mas não quero morrer na mão dele!

— Nós vamos e não morremos. — Falaram e saíram.

— Não é nesse rumo que ele mora!

— Então, onde é?

A velha apontou o rumo certo. Os moços foram.

Mais na frente encontraram o lobinho.

- Aonde vocês vão? — perguntou o lobinho.
 - Nós vamos matar o saní.kalisku.
 - Eu vou também.
 - Então vamos. — E o lobinho acompanhou os moços.
- Não andaram muito, deram com o lobão.
- Aonde vocês vão? — perguntou o lobão.
 - Nós vamos matar o saní.kalisku!
 - Eu vou com vocês também.
 - Então vamos. Foram todos juntos.

Muitos animais ainda se ofereceram para entrar no grupo que ia matar o saní.kalisku. Chegaram perto da casa do saní.kalisku de noitinha. O lobinho disse:

- Esperem aqui, que eu vou primeiro provocar o saní.kalisku!
- Chegou perto da porta e berrou: kuau, kuau, kuau... e correu.

Saní.kalisku ouviu aquele berro:

- Que bicho é esse que está gritando aqui perto de minha casa? — Pegou a espada e saiu para ver. O lobinho já estava longe.
- Não é nada! — disse. E deitou de novo.

O lobinho contou para os seus companheiros:

- Saní.kalisku ainda não está dormindo.
- Agora vou eu! — disse o lobão. Chegou perto da casa e gritou:
- Uau... Uau... Uau...

Nessa hora todos os bichos avançaram com espadão, uns por uma porta e outros por outra e mataram o saní.kalisku.

Voltaram cantando:

- Matamos o saní.kalisku! Matamos o saní.kalisku!

Chegaram e contaram para a velha: — matamos o saní.kalisku e acabou de uma vez pra sempre. A velha alegre dizia:

- Haiô... haiô...

Quando saíram, a velha deu uma risada:

- Ru... ru... ru...

- Olhe, a velha está achando graça, ela que nunca ria!...

Hoje em dia, a gente escuta de noite o corujão fazer: ru, ru, ru... É a risada daquela velha.

AS CRIANÇAS MATARAM O HAIÊHRU E VIRARAM ESTRELAS.

Somente o velho Ne.àlusu tinha mandioca. Um grupo de pessoas resolveu ir buscar mandioca na casa dele. Deixaram dito que dez dias depois estariam de volta.

No caminho encontraram o haiêhru.

- Vamos pegar e levar para comer com beiju na casa de Ne.àlusu! — Quando se aproximaram, o haiêhru urinou nos olhos de todos e morreram. Comeu a todos.

Passados os dias marcados, dez famílias foram encontrar os companheiros e aproveitar para conseguir massa também. Combinaram cinco dias, para a volta.

Encontraram o haiêhru:

— Vamos apanhar e levar para comer com beiju do velho Ne.àusu. O haiêhru urinou neles. Morreram e foram comidos.

Depois do último prazo, saiu mais gente para ver. Deixaram combinados quatro dias para a volta. Dão com o haiêhru. Tiveram a mesma sorte.

Mais um grupo viajou e morreu.

O haiêhru, vendo que não passava mais ninguém, deixou a mulher e foi à maloca do pessoal. A porta estava fechada. Aproximou-se e soprou. Saiu um pernilongo. Era sinal de que havia gente.

Logo mais, saíram nove meninos e oito meninas. Perguntou ao maior:

— Onde estão os pais de vocês?

— Foram buscar massa de mandioca no velho Ne.àusu. Não voltaram até agora.

— Coitados, estão sozinhos! Vou cuidar de vocês! Olhem aqui, tenho carne de veado para comer!

Enquanto distribuía, ia dizendo: vou ficar até os pais de vocês voltarem.

E todo dia, de tarde, trazia carne para as crianças. Estava era engordando as crianças para comer quando maiores.

As crianças foram desconfiando, porque o haiêhru só vinha de tarde:

— Será que ele passa o dia fora, para comer escondido a carne dos nossos pais que ele matou?

Sempre que o haiêhru vinha, a lagartixa papa-vento ia ficar no colo dele. Os maiorzinhos notavam que o haiêru, além da carne de veado, trazia também carne seca, mas não dava para eles comerem. Mandaram a lagartixa pedir um pedaço da carne seca. A lagartixa foi:

— Você não me dá também um pedaço desta carne seca para comer? Estou com muita fome. . .

— Essa você não pode comer! . . . Mas ainda colocou um pedacinho da carne seca na boca da lagartixa de modo que ela não visse.

A lagartixa não engoliu. Afastou-se de mansinho, chegou onde estavam as crianças, tirou a carne da boca e mostrou. Era um pedaço de orelha de gente.

— Eu sei, disse o maiorzinho, isso é orelha de nossa gente. O haiêhru matou nossos pais, esse bicho vai morrer!

Na tarde seguinte, o haiêhru chegou com uma cabaça grande e comprida e mandou pendurar no caibro da casa:

— Vocês não abram, tem marimbondo dentro!

Quando o haiêhru saiu, as crianças pegaram a cabaça e abriram. Encontraram uma flor de nariz e alguns colares dos pais.

— Ele vai morrer amanhã mesmo!

Na outra tarde, as crianças rodearam o haiêhru, brincando e gritando:

— Espera, vovô, vamos tirar a sua medida com esta vara, para quando vovô morrer!

— Eu não vou morrer agora!

— Não, vovô, é só brincadeira!

Mediram o haiêhru, que foi embora de novo. As crianças no lugar onde o haiêhru dormia, na medida certa da vara, cavaram um buraco muito fundo e no fundo fincaram paus de pontas bem finas para cima. Taparam a boca do buraco com varinhas finas e por cima puseram areia. Mandaram a lagartixa papa-vento botar fogo no campo, para não ficar no colo do haiêhru e morrer junto com ele.

De tarde, o haiêhru chegou com mais carne de veado. As crianças comeram e se esconderam detrás da casa com arcos e flechas. O haiêhru ficou por ali e depois foi se deitar.

Os meninos escutaram: buff! Correram para ver. O haiêhru estava espetado nas pontas dos paus no fundo do buraco. Falou:

— Fui eu que matei os pais de vocês!

As crianças flecharam e um deles ainda chuçou a barriga dele com uma vara. Acabaram de enterrar. Um menino disse:

— Você matou nossos pais, agora você morreu também!

Quando a lagartixa chegou, as crianças contaram. Disse:

— Foi bom, eu também não gostava dele.

Não demorou muito, chegou o espírito do haiêhru, um besourão grande e preto. Chuçaram a barriga dele. Saiu todo o sangue e morreu.

Três dias depois, as crianças foram procurar a casa do haiêhru, seguindo o seu rasto. Deram com uma casa muito grande. Lá de dentro, ouviram uma voz de mulher:

— Não entrem aqui, tem marimbondo!

O menino mais velho cochichou:

— Vai ver que é a mulher dele. Continuou mais alto:

— Queremos entrar, aqui fora está muito quente!

A velha escondeu depressa a carne seca dos pais dos meninos. Nem era preciso, porque as crianças não insistiram em entrar. Só perguntaram se ela não queria ir buscar massa de mandioca junto com eles.

A velha embrulhou, numas folhas, um pouco de farofa, e saiu dizendo que ia.

Na frente, um menino, com uma só flechada, matou um nambu. A velha resmungou baixinho:

— Olha, como eles flecham bem! Acho que foram eles que mataram meu marido!

— Parece que titia falou que matamos o seu marido!...

— Não, disse que quando matar outro bichinho, vamos levar, assar e comer com beiju.

Chegaram ao córrego Sisundiausu do rio Jurína. As crianças fizeram uma pinguela e ajeitaram um cipó para a velha passar.

— Vamos segurar para titia não cair na água. Uns seguraram a pinguela de um lado e outros do outro. Quando a haiêhru ia bem no meio, puxaram a pinguela. A velha caiu e ainda falou:

— Eu sei, foi assim que vocês fizeram com meu marido. Era ele mesmo que foi acabando com os pais e os irmãos de vocês!

Jogaram flechas nas costas da velha e ainda bateram com pau.

A velha afundou e morreu. A farofa da velha esparramou-se pela água. A fumaça que a gente vê, às vezes, sobre as águas, pela manhã, é a farofa da carne dos nanbikuára, que o haiêhru matou.

As crianças sentaram-se na beira do córrego e pensaram:

— Não temos pai, não temos mãe... Onde vamos ficar? Vamos para debaixo do salto? Será que vamos ficar debaixo da água ou dentro do buraco? Aonde vamos?

O velho Ne.àlusu ouviu as crianças, e chegou perto e perguntou:

— Que foi?

As crianças repetiram:

— Somos saí.kisu (órfãos).

Então vamos para casa, eu cuido de vocês.

No dia seguinte, levou as crianças para ajudar na derrubada. No caminho, o homem disse:

— Vocês vão por esse caminho aqui. Vou pegar uns peixes que deixei ali ontem e na derrubada a gente se encontra.

As crianças repararam que o homem derrubara muito devagar, porque cortara os paus, um por um.

— Vamos acabar já!

Cortaram um cipó bem grande, amarraram todos os paus e puxaram. Caiu tudo de uma vez. Cedo ainda e antes do homem voltar, chegaram em casa. Pediram chicha à mulher de Ne.àlusu.

— É muito cedo ainda, a chicha não está pronta, preguiçosos! Vocês deviam estar trabalhando!

As crianças olharam umas para as outras. Com raiva, entraram na casa, jogaram toda a massa no chão, quebraram as cuias da chicha crua, saíram e foram embora.

O homem chegou e perguntou pelas crianças.

— Não sei. São uns preguiçosos! Chegaram aqui muito cedo e já queriam beber chicha! Disse para eles que àquela hora deviam estar na roça trabalhando e não já aqui em casa pedindo chicha! Ficaram zangados, quebraram as coisas e sumiram.

— Não, mulher, não são preguiçosos! Num instante fizeram o trabalho, onde eu ainda ia gastar muitos dias! Foi pena! Vou chamá-los de volta! — E saiu nervoso.

Lá longe, encontrou as crianças:

— Vamos de novo para casa! A mulher não sabia!

— Ela nos chamou de preguiçosos, não vamos voltar mais!

O homem ficou triste. Voltou para casa sozinho.

— Que vamos fazer? Entrar na água? Entrar no chão? As meninas começaram a chorar, com dúvida e tristeza.

— Ah, vamos para o céu! Vamos para o céu!

Foram subindo, as meninas atrás, os outros na frente, para não verem as coisas das meninas. Subiam dizendo:

— Vamos para o céu, porque somos saí.kisu.

A lagartixa papa-vento começou a subir também, mas ficou com medo e voltou. Um menino pegou e pôs a lagartixa dentro de um buraco:

— Você fica aí, nós vamos para o céu.
O nambu também ia subindo e voltou com medo. Os meninos cortaram-lhe o rabo.

As crianças iam levando mel xupé para o céu. Esse virou o saco de carvão e as crianças viraram estrelas.

O ATASU INVENCÍVEL

Os homens saíram e deixaram as mulheres sozinhas na aldeia. Duas mulheres foram ao córrego buscar água. Perto da água, viram uma pitomba cair bem em frente. Logo caiu a fruta yau.kakisú. Mais a terceira fruta dirikisu caiu na água.

As mulheres assustaram-se. Voltaram correndo para casa e contaram para as outras. Ninguém sabia explicar o que era. De noite deitaram para dormir, com os braços entrelaçados.

Bem de noite, chegou o atasu e puxou o braço da primeira mulher. Essa lhe segurou o braço e as outras acordaram. Pegaram um pau e bateram no braço do atasu até soltar o braço da companheira. O atasu foi embora roncando:

— Rau... rau... rau...

As mulheres foram atrás dos maridos e disseram:

— Quase que o atasu nos mata e carrega! Como que vocês nos deixaram sozinhas?!

O pajé perguntou:

— Aonde ele foi?

— Foi aqui! — responderam as mulheres.

O pajé preparou-se e saiu atrás do atasu.

Mais na frente escutou no vão das próprias pernas:

— É claro! Mas é claro!

O pajé olhou... procurou... virou-se para cá e para lá e não viu ninguém! Ficou quieto para escutar melhor. Agora falava na frente. Olhou bem. Viu a própria sombra grande (era de tardezinha) que vinha se levantando para cima dele. Quando estava quase em pé, afastou-se e parou um pouco distante.

O pajé não tinha sombra no chão.

A sombra disse de longe:

— Eu sou o espírito preto!

Então o pajé disse:

— Esse não tem jeito de matar!

E foi embora.

NOTAS:

- (1) O autor agradece a colaboração do Prof. Pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso, Pe. José de Moura e Silva, pela participação na redação.
- (2) Na grafia dos nomes nanbikuára, adotamos os seguintes caracteres especiais: a letra **em negrito** representa um som demorado; a letra com acento grave representa um som gutural uvular.
- (3) Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*, 1957, pág. 292. São Paulo.
- (4) Na língua intermediária do nanbikuára, isto é, no pequeno vocabulário que usa para uma restrita comunicação com o branco, a palavra "irmão" significa "igual, parecido com". Assim: "Cabeça, cabaça irmão", quer dizer: uma cabeça parecida com uma cabaça, ou numa palavra: careca. "Guarda-chuva morcego irmão": o guarda-chuva é parecido com o morcego; "pedra irmão": duro como uma pedra; "cabeça tatu irmão": uma cabeça cheia de cãs; "urucu irmão": vermelho. Assim, aqui "lanterna irmão" significa: como lanterna.
- (5) Como os nanbikuára não possuem esse tipo de chocalho, o informante apelou, na explicação, para os Irántxe, porque esses índios, quando dançam, usam no pé um chocalho. Os Irántxe, além do chocalho do coco de buriti, como o atasu, ainda usam chocalho de caroço de piqui e coco da guariroba.
- (6) É a flecha de ponta de taquara com dois gumes laterais.
- (7) Lévi-Strauss, *ibidem*, pág. 292.
- (8) O jacaré comum chama-se uàklisu.
- (9) Roquette Pinto, Rondônia, 1912, pág. 217.
- (10) O nanbikuára chama a ponta da flecha jurupará de uaihlisu.
- (11) Parece tratar-se de um arbusto da família das Leguminosas, sub-família Papilionáceas.

- (12) Inseto da ordem Hemíptera e da família Coreidae — percevejo hemíptero parasito.
- (13) É uma crisálida de “borboleta propriamente dita”; terceira fase do desenvolvimento dos insetos de metamorfose completa.
- (14) O nanbikuára come outras espécies de coró.
- (15) Parece tratar-se da angélica.
- (16) Anfíbio da família dos Cecílias — também chamada mãe-de-saúva.
- (17) Lévi-Strauss ouviu falar de “estrela”. Ibidem, pág. 292.
- (18) Ibidem, pág. 292.
- (19) Não encontramos nenhuma ação malévola dos dois atasu-coisas sombra e relógio sobre o nanbikuára.
- (20) Salaunsu é uma palavra nanbikuára que significa antropófago.
- (21) Este eclipse da Serra Azul, o nanbikuára atribuiu ao autor, porque falava muito de atasu na aldeia.
- (22) Katozu: macaco; nekusu: cabeceira.
- (23) Salù.kisu é um pássaro. Não conseguimos identificá-lo bem. O macho tem uma mancha vermelha e a fêmea é amarela.
- (24) Apenas nesta lenda, o robafo aparece como atasu.
- (25) Aneniáusu: chifre; ualusu: urubu.
- (26) Essa pedra era conhecida somente por Katunkulusu e Chiquinho.



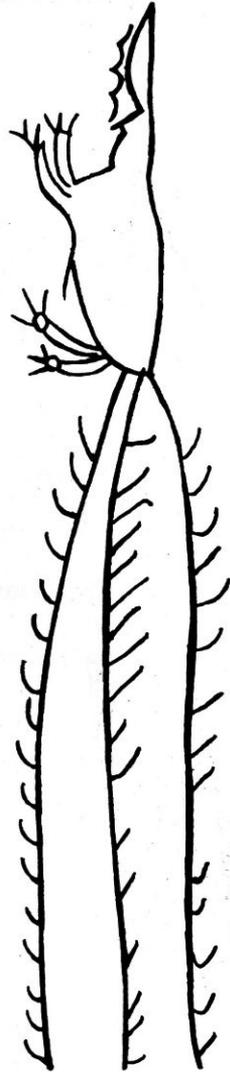
1



3

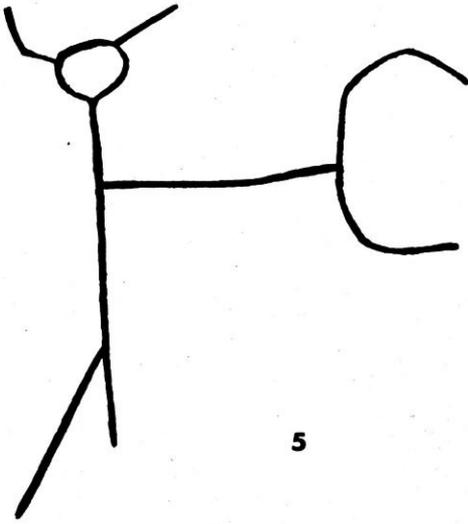


2



4

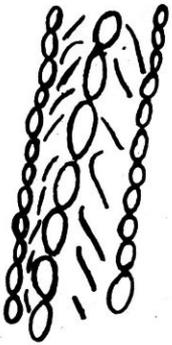
Figuras 1—4: 1 — Siintyahlusu; 2 — Sukayodyutu; 3 — Kikiäuhlu; 4 — Uakalatasu (Uaklitasu).



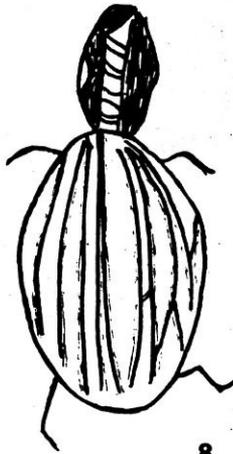
5



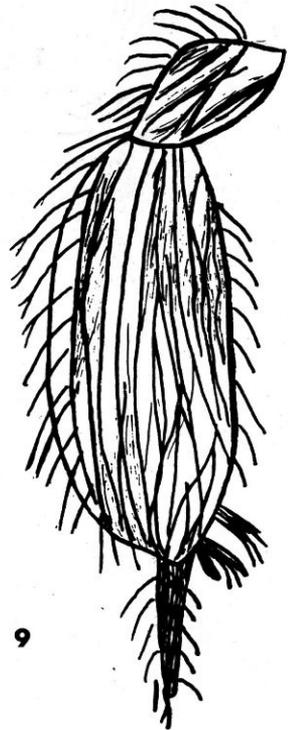
6



7



8



9

Figuras 5—9: 5 — Pödntzu; 6 — Uakanázu; 7 — Ualuru; 8 — Hatíkisu; 9 — Alaa.
intzu (Alaatasu).



10



11



12



13



14

Figuras 10—14: 10 — Dihatasu; 11 — Uaihalatasu; 12 — Idntzu; 13 — Irinānsu;
14 — Kalāinsu.

QUINZE LENDAS DOS RIKBÁK TSA (1)

Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J.

Pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso (2)

I — HOMEM VIROU ONÇA E MULHER VIROU PORCO

Era um casal que tinha os filhos casados, menos um. Um dos genros, um dia, foi caçar macuco. De volta só deu as penas para o sogro. Mas o que o sogro queria era a carne, porque estava com fome.

Mas foi juntando penas de macuco, mutum e jacamim, até fazer uma casa de penas. Quando a casa estava pronta, mandou o pequeno chamar os irmãos para ver. O pequeno deu o recado:

— Papai está chamando, a nossa casinha está pronta!

Alguns estavam caçando. De tarde, quando todos estavam juntos, foram ver a casinha, levando rede, arco e mais coisas. Foram entrando na casinha de penas e viram o pai passando pimenta misturada com fumo num pauzinho. Depois viram esquentar a pauzinho um pouquinho no fogo e jogar no chão.

A pimenta ardeu no nariz de todo o mundo. Pareciam estar com gripe.

Os homens viraram oncinhas e as mulheres, porquinhos, menos o menino.

O pai foi embora. Depois veio tratar os porquinhos com uma família. Os porquinhos foram crescendo.

Um dia, o homem abriu a porta e dois porquinhos saíram. Matou, comeu e gostou. Passou tempo, ficaram grandes. O homem falou para seu primo:

— Eu agora vou começar a matar os porcos e comer, porque já estão grandes.

O primo saiu a caçar macaco e só voltou de tarde, com muitos deles. O homem disse que matou uns porcos num corregozinho. Era mentira, porque matou os de casa.

(1) Os Rikbáktsa (Canoeiro de Mato Grosso) habitam atualmente na reserva entre os rios Juruena e Sangue, desde a confluência destes rios até uma linha seca, numa altura acima do Juína-Mirim.

Foram pacificados a partir de 31 de julho de 1957, pelo Pe. João Evangelista Dornstauder. Por enquanto se tem como grupo isolado. As lendas que publicamos agora, foram colhidas em 1961.

(2) O autor agradece a colaboração do Pesquisador da mesma Universidade (UFMT), Pe. José de Moura e Silva, S.J., na redação.

Outro dia, o homem saiu a matar macaco e o primo disse ao menino pequeno que ia matar porco em casa. O menino disse que não matasse, porque o pai não queria que abrisse a porta.

O primo do homem não entendeu e foi matar. Os porcos gritaram muito: — Uém... uém... uém...

O menino correu e ficou sentado num pau mole. O primo abriu a porta. Os porcos e as onças saíram. O menino gritou:

— Fecha depressa!

O primo não conseguiu fechar e saiu tudo brabo. As onças subiram nuns paus. Os porcos pegaram o primo, mataram e comeram. Sobrou só a cabeça. Um porco roeu o pau onde estava o menino trepado. O menino caiu. Os porcos levaram o menino embora. Um porco quis se separar, mas os outros disseram:

— Precisamos ir todos juntos!

Num corregozinho estavam comendo muito cascudinho. O homem encontrou os porcos e disse:

— Não era para soltar vocês! Eu ia fazer isso depois de grandes. O homem deu uma direção para os porcos e outra para as onças e foi embora com os macacos.

Em casa a mulher disse:

— Os porcos estão em casa...

— Não, outro homem soltou!

II — BICHO DA ÁGUA MATA HOMEM.

Faz tempo, havia só três Rikbáktsa com nome: Wohlik, sua irmã e outra mulher. Wohlik tinha roça grande com milho e batata. Foi caçar pela beiradinha da água. Um mutum veio e sentou perto. Wohlik matou o mutum, que caiu nágua. Wohlik largou arco e flecha e mergulhou pra pegar o mutum. Um bicho pegou na perna de Wohlik, levou e comeu.

Depois, outro homem sem nome estava caçando, quando encontrou o arco.

— De quem é esse arco? — E depois viu ainda a rasto que terminava na beiradinha da água. Voltou para casa e contou a história.

A irmã de Wohlik chorou.

Outro dia, a irmã de Wohlik colheu e levou pra casa muitos ovos de macuco carijó, gavião, coruja, pombo e outros passarinhos. Os ovos de macuco goraram. Nasceram as corujas. Os gaviões saíram fracos. Quase que jogou fora o ovinho do pombo, porque era pequeno. Mas estava sempre pensando: — estou sem irmão!...

O pombo nasceu, cresceu e ficou forte. Ela tomou pra seu irmão.

Fizeram uma festa e ela dançou com o pombo. Ela pediu aos passarinhos para ir chamar o bicho da água e disse:

— É gente, não é peixe!

O gaviãozinho pegou a panela de barro de pescoço comprido, botou mel dentro e foi esperar o bicho na beira do rio. Passou lá o dia todo chamando e o bicho não veio.

A mulher pediu para a coruja.

— Eu vou! — disse a coruja, e saiu com a panela de mel. Na beiradinha da água falou:

— Você comeu Wohlik. O filho dele está magrinho. Até acho que vai morrer! — Estava mentindo, porque o filho estava bem.

O bicho lá de dentro respondeu:

— O que eu quero é dançar!

Os peixes quiseram ir também. Foram todos. A coruja saiu na frente. Quando chegou em casa, a mulher perguntou:

— O bicho saiu?

— Vem sim.

O bicho com os peixes iam andando devagar, sentando-se aqui e acolá, cantando. Perto da casa o bicho mandou os peixes pequenos dançar em casa primeiro e voltar para contar. Eles dançaram um pouco e voltaram.

O bicho com os peixes foram pra frente até chegar na casa. A mulher do bicho não chegou até lá, porque teve criança. A criança estava doente e ela voltou para a água.

Começou a dança dentro da casa. A mulher estava olhando. O bicho bebeu muito e foi descansar um pouco na rede. Dormiu. Os peixes também beberam muito e sentaram.

O filho de Wohlik, já rapaz, estava escondido, sentado numa trave da casa, sem arco e sem flecha. O bicho e seu filho mexeram um pouquinho. O filho de Wohlik então pulou em cima do coração do filho do bicho e logo em cima do coração do pai. Os dois primeiro gritaram e depois morreram.

Os peixes correram de medo. O pacu bateu num pau da casa e por isto é hoje achatado. A mulher falou:

— Vocês não precisam correr não! Eu queria era o bicho! — Abriu a porta e os peixes saíram.

O rapaz levou os mortos para cima de um girau, comeu e deixou só a barriga para a tia. Depois disso, o rapaz começou a comer carne de gente.

Apareceram outros Rikbáktsa para pegar o rapaz que comeu gente. O rapaz matou um na hora e comeu. Os outros fugiram para casa e contaram por que fugiram. Todo mundo ficou brabo.

Muito tempo depois voltaram de novo mas não encontraram mais ninguém. Pensaram: talvez civilizado matou, talvez morreram. Ninguém sabe...

III — OS ÓRFÃOS SOBEM AO CÉU.

Eram três órfãos: uma menina maior, uma outra, e um menino menor ainda. O tio deles disse:

— Eu quero criar vocês!

Estavam passando fome e viviam chorando. O homem caçava macuco, macaco e dava para elas.

As crianças olhavam para as nuvens e diziam:

— Mamãe subiu!

Lá em cima a mãe pensava:

— Eu vou buscar meus filhos!

O homem foi caçar e as crianças brincavam na roça, quando a mãe desceu dentro de marik.pê (canoa redonda) disse:

— Depois eu venho buscar vocês!

Pouco tempo depois chegou e levou as crianças para cima. Lá em cima comeram araruta, cará, amendoim, e desceram de novo para a terra. Subiram e desceram três vezes. Numa dessas vindas trouxeram amendoim, cará e batata. Depois passou muito tempo sem a mãe descer.

As crianças falaram para o tio, que queriam ir para o céu. O tio perguntou:

— Mas como vão para o céu?

— Mamãe já veio três vezes e nos levou lá e vem nos buscar, porque sua mulher não dá comida para nós.

A mulher tinha ido buscar água e não ouviu a conversa. Os meninos convidaram o tio para subir também.

No outro dia, a mãe das crianças desceu. O tio zangou com sua mulher, porque não dava comida para os sobrinhos. Pegou a rede, a panela e a flecha, e botou dentro da canoa redonda.

A mulher chorava, dizendo que tinha medo de ficar sozinha. O tio com as crianças entraram na canoa. No fim, a mulher entrou também. Subiram para nunca mais descer.

Quando estavam já chegando, a menina mais velha empurrou a mulher para fora, dizendo:

— Você não me dava comida!

A mulher caiu e morreu. Os outros ficaram lá em cima.

IV — MULHER VIRA NAMBU E HOMEM VIRA VEADO.

Era uma viúva com duas moças. Uma delas se casou. O marido foi matar macuco. Matou muitos. Quando voltava, viu formiga-carregador. Em casa a mulher preparou os macucos. O homem descansou um pouco e, ainda sem comer, foi buscar as formigas. A sogra acompanhou. Levaram uma panela de bojo grande e gargalo comprido. De noite armaram as redes. Todos os passarinhos cantavam. Havia muito macuco. A sogra ficou com medo:

— Se esses bichos me morderem será que morro?

— Não, não têm dente — respondeu o homem.

Não ouviram nambu cantar. Não dormiram. A onça preta esturrou.

— Que é isso? — perguntou a sogra.

— É onça. Esse bicho mata para comer!

— Eu quero deitar na sua rede também! — E deitou.

— Não deita não!

Mas ela não saiu. Entretanto as formigas saíram voando e foram embora. A panela estava no chão. A mulher saiu da rede e ainda pegou algumas formigas e colocou dentro da panela.

Tiraram a rede e foram embora. Quando chegaram perto de casa, pegaram folha ukapepê.okolô e passaram na flecha. Jogaram

a flecha e ela ficou passeando, quase pegou na cabeça e foi cair longe. Botaram a rede e a panela no chão e a mulher foi buscar a flecha. Quando ia pegando, a flecha fugiu. A mulher sentou-se no chão e virou nambu. O homem chamou:

— Vem cá!

— Uó, uó, uó... — respondeu no mato.

O homem foi embora. Passou na casa de outro índio e chegou em casa. A mulher perguntou:

— Onde está mamãe?

— Está lá embaixo no caminho. Está doente da barriga. Mentiu de vergonha. Se falasse a verdade, a mulher ficaria zangada.

A viúva não chegou até o meio-dia. A mulher e sua irmã foram procurar. Encontraram a panela e a rede. Gritaram:

— Otô!...

— Uó, uó, uó — respondeu no mato.

As duas irmãs andaram para pegar o nambu. Iam gritando e o nambu respondendo. Quando ia ser pego, gritou feio:

— Uó... uó... uó... tru... u... u... Correu, voou longe e caiu.

As duas irmãs continuaram a gritar e o nambu a responder como antes. Desistiram de procurar e voltaram para casa e ainda ouviram gritar três vezes: — bom uok... bom uok... bom uok...

Colheram folhas dos paus de veado e de urucu e chegaram em casa esfregando as folhas no corpo. O homem quis que passassem também e tirou a tanga. As mulheres passaram em todo o corpo. Pegaram os dedos minguinho, anular e polegar das mãos e dos pés e bateram até que entraram nas mãos e nos pés. O homem virou veado. As mulheres abriram a porta e o veado correu para o mato. Foi pouco depois do meio-dia.

No outro dia, o veado voltou, dizendo que vira mel:

— Vamos buscar mel?

Elas foram. O veado só mostrou. As mulheres é que tiraram o mel e voltaram para casa. O veado chupou só um pouquinho. Ainda ficou ali algum tempo e depois desapareceu para nunca mais. Ele só anda de noite.

V — O HOMEM QUERIA VOAR.

Um homem matou uma anta. Forrou a barriga da anta com cascas e se deitou lá dentro. Fedia e tinha muito verme. O homem pediu a uma mosca grande que fosse chamar urubu. A mosca foi até às nuvens do céu e voltou. O homem perguntou:

— Você contou ao urubu?

— Eu chamei.

O homem ficou esperando e o urubu não veio. Viu então que a mosca mentira.

O homem chamou uma mosquinha e disse:

A mosca grande mentiu: mandei chamar urubu e não chamou. Agora vai você, mas não minta!

A mosquinha disse para os urubus nas nuvens:

— Uma anta morreu. Desçam, comam e voltem de novo. Um urubu perguntou:

— Que bicho foi, porco, onça, veado?...

— Foi anta. Desçam todos vocês e fiquem só os velhos!

Assim fizeram. A mosquinha desceu na frente, enquanto os urubus vinham atrás conversando: — quando tem muito verme, é gostoso...

Os urubus tiraram as pernas da anta, amarraram com três cipós compridos e guardaram. Um urubu de cara um pouquinho vermelha disse que queria comer a cabeça, outro de cara preta queria comer de trás, outro branco queria comer a barriga e o coração e começaram a comer.

Lá dentro da barriga o Rikbáktsa estava deitado esperando. Um urubu bateu com o bico nele. O homem mexeu. Os urubus correram, pularam de lado e ficaram olhando e dizendo: — hum, hum, hum... que é isso? — Mas a anta não levantou. Voltaram de novo a comer.

Um bicou a perna do homem. O homem mexeu. Os urubus saltaram de novo. Ficaram olhando... Depois voltaram novamente a comer.

Um bateu no braço do homem. O Rikbáktsa ficou com medo. De repente saiu da barriga da anta e correu atrás dos urubus e arrancou muitas penas deles. Os urubus correram, mas voltaram atrás do homem e quase o pegaram. O homem fugiu.

Quando o homem se viu livre, foi tomar banho. Passou areia no corpo e seguiu para casa. Três urubus ainda pegaram suas penas e os outros ficaram chorando e andando no mato, porque não podiam voar.

Depois de três dias, o Rikbáktsa fez asas com as penas de urubu e voou para buscar castanha longe. Voltou de tarde. No dia seguinte foi caçar voando. Outro dia foi buscar amendoim com sua mulher e mais um companheiro e deixou as penas em casa, dentro de uma cabaça e disse para os filhos:

— Não mexam nas penas!

As crianças não quiseram escutar. Os urubus estavam ali por perto espiando. As crianças falaram:

— Vamos experimentar! — E fizeram asas das penas dos urubus, como o pai. Cantaram alegres:

— Urubu erê... urubu erê... urubu erê... e gritavam:

— Uom! — E levantaram vôo e voltaram e foram brincar dentro de casa.

Os urubus abriram de repente a porta e entraram:

— Olhem, vocês estão brincando e nós queremos brincar também!

— Papai zanga!

— Vamos só experimentar! — E cochicharam para os outros: quando tivermos as asas, vamos embora.

Tiraram as penas das cabaças. Arrumaram no corpo, cantaram como as crianças, voaram, desceram uma vez. Cantaram de novo.

Derrubaram a casa, foram embora e não desceram mais.

O homem com a mulher chegaram da roça naquele momento:

— Que é isso?! — As crianças mexeram nas penas!

O homem depressa pega o arco, flecha e acerta no pé de um urubu, mas o urubu foi embora levando a flecha.

O homem riscou as crianças com dente de cotia. As crianças choraram muito.

VI — O HOMEM E A ONÇA.

Faz tempo alguns Rikbáktsa foram roubar facão. Ao meio-dia descansaram. Encontraram um cupim com um buraquinho. Um deles meteu a mão no buraco e não saiu mais. Outro ajudou a puxar e nem assim saiu: ficou a mão lá dentro. Os outros seguiram viagem.

Um passarinho assobiou perto do cupim. Uma onça chegou, procurando o passarinho. Viu o homem e se alegrou:

— Eu vou comer você!

— Primeiro você me assa, para ficar mole e depois você me come!

A onça gritou chamando a coruja. A coruja veio e amarrou com um cipozinho as duas pernas do Rikbáktsa dobradas no joelho, e fez fogo.

O Rikbáktsa mijou bastante e cagou. A coruja bebeu a urina e comeu a bosta. Mas queria a gordura também.

O fogo era pequeno e ao meio-dia já apagou. A coruja gritou que estava pronto. A onça não escutou. A coruja continuou gritando, até escutar. Depois continuou gritando, chamando outra onça.

— Agora sou eu que grito! — disse a onça.

A coruja então sentou. A onça foi chamar outra. Quase que se encontravam gritando.

O Rikbáktsa levantou-se um pouco e começou a rebentar o cipó. A coruja correu para buscar outro cipó, mas o Rikbáktsa rebentou primeiro e correu.

A coruja gritou de novo para a onça pintada. A onça voltou depressa. O Rikbáktsa chegou num córrego e pegou um pau velho curto de faveira e jogou na água, para fazer pensar que era gente e seguiu pela beiradinha do córrego. A onça pintada e a coruja chegaram correndo no córrego e a coruja falou:

— O Rikbáktsa mergulhou!

— Eu vou buscar, porque estou com fome! — disse a onça e caiu na água.

Um jacaré mordeu na mão da onça. Mas a onça escapuliu e ficou zangada. Por isso, alargou o olho da coruja. Desde esse dia a coruja ficou com olho grande e chorou muito. A onça foi no rasto do Rikbáktsa.

O Rikbáktsa chegou à casa de Madorik e disse:

— Abre a porta! Vem bicho feio aí atrás!

Madorik abriu e ele entrou. Depois a onça chegou:

— Eu quero entrar na casa!

- Não pode entrar!
- Eu quero comer Rikbáktsa!
- Eu não vi Rikbáktsa!
- Então vou comer você mesmo!

la entrando, quando Madorik abriu a mão, com os dedos para a frente. A onça gritou e correu de medo.

O Rikbáktsa continuou a viagem. Chegou à casa de um sapo que estava no oco de uma palmeira. Entrou. O sapo estava fazendo flecha. A onça chegou atrás:

- Eu quero entrar! Eu quero entrar!
- Não pode entrar!
- Eu quero ver o Rikbáktsa que está aí dentro. Estou com fome!
- Não pode subir!
- Eu quero subir!
- Não pode subir, porque estou ocupado fazendo flecha!
- Quero subir assim mesmo!
- Então pode subir! — disse o sapo.

A onça subiu. Quando foi entrando em casa, o sapo jogou veneno do seu corpo, igual a pimenta, nos olhos dela. Doeu. A onça gritou, caiu e foi lavar os olhos na água. Chorou muito.

O Rikbáktsa continuou a viagem e chegou em casa. Contou para a mulher, que ficou preso no cupim e os companheiros foram embora.

Depois de um mês foi buscar fruta no mato. A mulher queria ir junto e o homem não deixou. Apanhou algumas frutas e voltou para casa. Assou e comeu. Eram gostosas.

- Amanhã, eu vou buscar fruta de novo! — disse o homem.
- Eu vou também! — disse a mulher.
- Não, eu vou sozinho!

De manhã cedinho, o Rikbáktsa se pintou, colocou os colares.

- Eu vou junto!
- Não pode, tem bicho!
- Que bicho?
- Onça!

A mulher ficou em casa. O homem chegou ao pé da fruteira, tirou um cipó e começou a subir, quando a onça chegou e disse:

- Eu conheço este Rikbáktsa. Agora eu como mesmo!
- Espera! Vou subir primeiro e jogar fruta para você e vou cair com elas!

A onça ficou alegre. O Rikbáktsa subiu, começou a cortar um galho com machado de pedra e jogou primeiro as cascas no chão e continuou cortando. No fim disse:

- Está pronto! Abra os braços, apare e não deixe cair no chão!
- A onça disse:
- Eu pego! — e pôs o peito para frente.

O Rikbáktsa pisou no galho cortado e fez força. O galho bateu no peito da onça e a onça morreu e sujou as frutas com sangue. O Rikbáktsa desceu e foi pra casa com pouca fruta. Assou e comeu. Estavam gostosas.

- Eu quero buscar fruta! — disse a mulher.

— Não pode! As frutas estão machucadas! — disse mentindo. A mulher não parava de querer ir. O homem resolveu falar a verdade. A mulher não falou mais.

Outro dia, deu uma doença em todos os bichos da redondeza e morreram: arara, jaguatirica, onça, macaco, gavião, anta, porco. Morreu tudo. O urubu não comeu, porque morreu também.

O homem foi ver: — O que terá sido? Que doença!?

Chegou perto da onça e tudo estava podre menos o dedo minguinho. Tirou o dedo e levou para casa e não contou nada para a mulher, com vergonha.

No dia seguinte, foi caçar arara e macaco. Levou o minguinho da onça. Caçava e matava puxando um pouquinho o couro do minguinho para baixo.

Outro dia caçou de novo e levou o minguinho. Com ele matou macaco. A mulher cozinhou.

Dias depois, o homem falou:

— Hoje eu quero tirar fruta verde!

A mulher foi junto. O homem entregou o minguinho para a mulher e explicou:

— Quando a arara passar, você puxa o couro só um pouquinho e a arara cai.

O homem subiu numa castanheira. Mal começou a tirar castanha, já foi passando uma arara. A mulher puxou demais o couro: a arara morreu e o marido também.

A mulher voltou chorando para casa. As outras mulheres foram buscar o Rikbáktsa morto, porque os homens tinham ido buscar facão. Chegaram com o morto de tarde, para ser enterrado em casa.

As outras mulheres perguntaram à mulher que chorava muito:

— Que foi?

— Caiu de um pau seco! — Tinha vergonha de contar a verdade.

Todos os dias as mulheres sempre perguntavam de novo. Por fim, a mulher contou como tinha sido na verdade. E ninguém mais perguntou.

VII — GUERREIRO PERDIDO.

Alguns índios Rikbáktsa saíram para matar índio brabo. As mulheres não foram. Depois de muitos dias de viagem, já no fim da seca, encontraram os índios brabos. Bem cedo atacaram. Mataram muitos e disseram:

— Vamos comer!

Cortaram cabeça, tiraram intestino, cortaram braço e perna e carregaram. Um deles disse para um outro levar uma cabeça. O índio pegou a cabeça e foi carregando.

De repente viram que os índios vinham atrás. Os Rikbáktsa, com medo, correram e largaram a carne. O homem que levava a cabeça não largou e se perdeu com ela. Seus companheiros acharam o caminho de casa, onde chegaram no começo das chuvas. Contaram a história e que um companheiro se perdeu com a cabeça de um índio brabo.

O índio andou muito tempo sem encontrar caminho, perdido no mato. Chegou à casa do sapo grande que canta: — polonk... polonk... Contou a história da briga e disse que estava perdido.

— Eu não sei mostrar o caminho. Cuidado! Por aqui há índio brabo. Mas pode dormir uma noite aqui!

No dia seguinte, o homem foi embora. No fim do dia, cansado, entrou num buraco de pedra para dormir. Tapou mal o buraco com algumas folhas e dormiu. Não demorou muito, a sucuri chegou. Era a casa dela. O Rikbáktsa dentro teve medo. A sucuri:

— A casa está suja. Tem folha. Que foi? — E começou a rodear o buraco. O rabo conversou com a cabeça. O rabo perguntou:

— Você matou algum bicho?

— Não, mas amanhã bem cedo vou caçar...

O homem no buraco acordou e perguntou para si: — que foi? quem é que está falando?

A sucuri tocou flauta e a mosca boirok riu muito. A cobra não gostou e repreendeu:

— É hora de você dormir!

O homem, com medo, não dormiu mais.

Pela manhã, cedo, a sucuri foi caçar. O homem então pegou a cabeça e foi embora. Andou mais um dia perdido. De noite foi dormir nas folhas de um buriti. Deixou a cabeça embaixo. Um cágado grande viu quando ele subiu. Quis cortar o buriti, para derrubar o homem e comê-lo. Pegou o cágado pequeno, como se fosse machado e deu com ele no tronco de buriti. O pau era duro e só tirou a casca. Mas gritou para meter medo:

— O buriti está quase caindo!

O rikbáktsa lá em cima escutou e ficou com medo, pensando que ia morrer. O cágado depois disse:

— Só saiu a casca! Estou cansado, não consigo derrubar!

O cagadozinho ficou machucado. O grande foi chamar a sucuri. A sucuri veio e o cágado disse:

— Você sobe e mata!

— O que é? — perguntou a sucuri.

— Não sei, mas parece gente!

O rikbáktsa escondeu-se melhor. A sucuri começou a ficar com medo que fosse onça e o cágado insistiu que era gente, dizendo que vira subir:

— Você mata e nós comemos. A carne é gostosa!

A sucuri começou a pensar que era mãnró, um bicho enorme que mata gente. O cágado disse de novo que era gente.

A sucuri foi subindo devagarzinho, mas sempre pensando que podia ser onça ou mãnró. Chegou até perto das folhas. O rikbáktsa ficou com mais medo ainda. De repente imitou forte a mãnró.

A sucuri caiu, morreu e ficou toda enrolada. O cágado sumiu de medo. O rikbáktsa desceu, pegou a cabeça e foi embora. Andou o resto da noite e o outro dia.

De noite, com frio e querendo esquentar, encontrou ukalári assobiando e perguntou-lhe se tinha fogo.

Depois ainda queria dormir na rede com ukalári.

— Melhor é você dormir no chão mesmo, porque a corda está podre!

O homem não acreditou e insistiu em dormir na rede com ukalári. Deitaram e caíram. Ukalári retirou a rede e mais o fogo e foi embora. O homem, com frio, ficou chorando e não dormiu nada.

De manhã cedinho recomeçou a caminhada. Andou até de noite, quando chegou à casa da cotia. Encontrou a cotia pilando, para fazer mingau:

— Eu quero entrar!

A cotia abriu a porta e o homem entrou. Contou a história da briga e como andava perdido.

O marido da cotia tinha ido buscar castanha e chegou e encontrou o homem dormindo. O rikbáktsa acordou e perguntou:

— Onde você buscou castanha?

— Lá embaixo, no caminho! — respondeu o marido da cotia mentindo. E continuou:

— Sua mãe está chorando e tem a cara suja. Eu mostrarei o caminho amanhã! — Ainda estava mentindo e o rikbáktsa ficou alegre.

No dia seguinte cedo, foram até o castanhal. O marido da cotia mostrou um lugar longe e disse:

— Lá você vai encontrar o caminho!

O homem voltou para casa e o rikbáktsa andou até o meio-dia e não encontrou o caminho. Depois ouviu uma arara grande vermelha gritar. Aproximou-se e chamou:

— Desce aqui, eu quero conversar!

A arara ficou escutando. O homem então perguntou:

— Você sabe o caminho da minha casa?

— Eu sei.

— Mas você não está mentindo?

— Não, não estou mentindo. Vou mostrar o caminho para você.

Vamos!

A arara voava um pouco na frente, à distância de um vôo de macuco e esperava o homem. Foram assim até encontrar o caminho. A arara quando deu no caminho, tocou flauta até o homem chegar. O caminho era largo. O homem alegrou-se. A arara no alto de um pau:

— Esse é o caminho de sua mãe!

— Desce, vamos conversar!

A arara desceu e o homem disse no fim:

— Outro dia você vem de novo, para eu tirar umas penas de você, para ficar bonito!

O rikbáktsa chegou perto de casa, sentou-se com medo, porque fazia tempo que saíra. Sua mãe estava fazendo uma casa. Jogou um pau fora. O homem pegou e escondeu o pau. A mãe voltou para limpar o chão da casa. Ao jogar o cisco fora, encontrou o homem, mas não conheceu o filho. Continuou a limpar a casa. Quando acabou, saiu e foi olhar melhor. Então viu que era o filho.

Um outro rikbáktsa disse:

— Sua mulher tem outro marido.

Esse outro marido tirou a rede da sua casa e foi de novo para a casa dos moços.

O rikbáktsa guardou a cabeça dentro de sua casa. No outro dia tirou os dentes da cabeça e furou, como fazem com os dentes de macaco.

O homem foi colher castanha. Voltou pelo meio-dia. No dia seguinte chegou aquela arara. Comeu muita castanha. O homem tirou-lhe algumas penas. A arara não reclamou. Depois se despediu para sempre.

VIII — ORIGEM DA LUA

Um homem sempre dormia com uma viúva. Uma noite a viúva passou uma tinta preta na testa do homem com os dedos indicador e polegar, deixando duas listas. O homem, envergonhado, de madrugada foi caçar macaco. De tardinha voltou trazendo muito macaco. A mulher ofereceu-lhe chicha, mas o homem com vergonha não aceitou. Tinha sempre a mão na testa cobrindo as duas listas. Para beber até escondia a cabeça entre as pernas. Ainda por causa da vergonha, colocou um colar de dente de macaco no pescoço e um cocar de pena de gavião na cabeça. Tomou a rede e saiu.

Não foi longe. Armou a rede, deitou primeiro e logo se sentou. Então começou a subir, subir com a rede até chegar lá em cima.

A mulher viu o homem subir. Chamou. E o homem não voltou.

O homem armou a rede no céu e sentou-se com a cabeça para baixo, parecido com o morcego. É a lua.

Quando coloca o colar de dente de macaco, é lua nova. Quando põe o cocar de gavião, é lua cheia.

IX — ORIGEM DA NOITE (I)

Só havia o sol. Ele resolveu fazer um cocar das penas vermelhas do rabo de tucano. Colocou o cocar na ponta de uma vara, e enterrou a vara no chão.

Foi levantando. Quando ficou em pé, tirou o cocar de penas vermelhas e colocou um de penas brancas, ainda de tucano. Era o meio-dia.

Foi descendo a vara. Quando estava embaixo, tirou o cocar de penas brancas. Era a noite.

No dia seguinte bem cedo, colocou de novo a pena vermelha.

X — ORIGEM DA NOITE (II)

Os rikbáktsa iam caçar ao meio-dia. Voltavam e ainda era o meio-dia. Faz tempo, só havia meio-dia.

Pegaram ógoro (folha) e foram esfregando, esfregando. Uma hora o sol começou a descer. Foram esfregando mais e o sol descendo.

Esfregaram mais ógoro. O sol caiu de uma vez. Era a noite. Foram dormir.

Mas agora era a noite que não acabava mais. Então começaram a esfregar ógoro de novo. Certa hora veio a madrugada e... nasceu o sol.

Mas ainda não pararam de esfregar ógoro. O sol subiu até o meio-dia — e eles esfregando ógoro. Assim foi até que o sol foi caindo até ficar noite. Desta vez não precisou mais esfregar ógoro: a madrugada veio sozinha.

Agora é sempre assim.

XI — A ANTA ROUBOU UM MENINO

Faz tempo, um menino foi perto sozinho comer caju. Uma anta apareceu e falou:

— Você está sozinho, vou carregar você... Leva bastante fruta, porque vamos longe.

O menino encheu o xire e montou na anta. Esta tinha sido machucada com uma flechada no fígado, mas já estava boa.

Atravessou um grande rio e depois de andar muito, perguntou:

— Quanta fruta ainda tem?

— Eu já comi quase tudo.

O pai notou a falta do menino e foi procurá-lo. Viu rasto de anta:

— Foi ela que levou o meu filho! — Fez um buraco fundo e colocou paus ponteagudos em pé.

Passado um tempo a anta voltou com o menino, para buscar mais fruta. Enquanto o menino apanhava fruta, a anta deu uma volta. Caiu no buraco. Ficou espetada no coração e morreu. O menino ficou esperando a anta.

O homem andava por perto. Tsintónton foi contar ao homem que a anta tinha morrido.

— Eu quero ver, quero comer a carne dela!

O pai encontrou o menino.

— Olha papai, essa anta me roubou e me levou longe.

— Eu vou comer a carne dela! — disse o pai.

— Pode comer! — disse o menino.

Tirou a anta, cortou e carregou para casa.

A menina viu que o irmão tinha um carrapato no corpo e disse:

— Você tem um carrapato aqui! — e tirou-o.

Deu uma ferida e o menino morreu.

XII — A ORIGEM DO NANBIKUÁRA E IRÁNTXE.

Faz tempo as mulheres não faziam nada. Os homens até tinham que cozinhar. Quando as mulheres iam tomar banho, as antas vinham e mexiam com as mulheres. Os homens souberam e foram fazer arco e flecha. Botaram dente de cotia na ponta das flechas. Flecharam as antas e elas correram. Os homens foram atrás. As antas correram longe.

Quando os homens voltaram, foram tirar os espinhos dos pés e encheram uma peneira com eles. As mulheres choraram muito, porque os homens mataram os maridos delas.

As mulheres foram buscar amendoim e voltaram pelo meio-dia, com os pés também cheios de espinhos. Mandaram os homens cozinhar coró, batata e fazer chicha. Todos ficaram cansados e um ainda machucou o braço, ralando mandioca. As mulheres não fizeram nada.

No dia seguinte as mulheres foram tomar banho. Um homem escondeu-se pra ver se vinha anta. Uma anta veio e pegou uma mulher. O homem matou a anta. Os homens jogaram a peneira de espinho nas mulheres e foram matar macaco. As mulheres levaram quatro dias para tirar os espinhos.

Quando estavam prontas, foram para o outro lado do rio, nas costas de um jacaré manso. Foi duas vezes levando as mulheres feias. Quando ia levando as bonitas, elas caíram e afundaram no meio do rio.

Na outra lua, os homens chegaram e não encontraram mais as mulheres. Só viram água. Jogaram fora os dentes de macaco que tinham trazido para as mulheres.

Um velho tinha ficado em casa e contou:

— As mulheres atravessaram para o outro lado.

Os que sabiam nadar, foram buscar fogo no outro lado. Só puderam tirar um tiçãozinho, escondidos das mulheres. Quando nadavam de volta, o fogo apagou.

Voltaram de novo. Um deles ia tirando um tiçãozinho escondido. As mulheres viram e não deixaram.

Pençou um pouco. Agarrou um grande e todos correram até à beira do rio. Ali fizeram fogo de novo.

Jogaram rede na água e tiraram as moças bonitas para fora. Dormiram ali mesmo. As moças, de noite, apagaram o fogo.

No outro dia, os homens da casa saíram e foram se encontrar com os que foram buscar fogo. Não quiseram mais o fogo das mulheres e todos foram buscar outro longe. Só o velho ainda ficou.

Depois de três luas, encontraram fogo que saía de itotô (flores). As flores disseram:

— Tirem sem bater, se não vocês morrem.

Só uns poucos voltaram para casa com o fogo. Os outros tomaram outra direção e ficaram brabos e viraram Irántxe e Nanbikuára.

De volta pra casa, os Rikbáktsa tinham que ir parando, para o fogo não se apagar: quando andavam muito, a chama se apagava.

Chegando perto de casa, atravessaram o rio depressa. Em casa tiveram fogo de novo.

Fizeram chicha de bama (fruta) muito gostosa. Beberam e ainda sobrou.

Um dia um nanbikuára flechou um rikbáktsa no mato. O rikbáktsa foi morrer em casa. Os rikbáktsa flecharam com taquara grossa e o nanbikuára morreu.

XIII — UM HOMEM VIROU TAY?TYENDOK.

Era um casal. A mulher, depois de um tempo, já estava querendo

casar com outro homem. O marido ficou brabo e foi caçar macaco. Matou muito macaco preto e comeu lá no mato mesmo. Depois fez uma casinha. Sentou-se na rede e pôs o pé no fogo e queimou toda a carne, até ficar só osso. Amolou o osso do pé, até ficar igual espinho: agora ia matar aquele homem que casou com a mulher dele.

Um dia os dois homens foram caçar macaco. De noite armaram as redes, um ao lado do outro. O companheiro viu o pé do homem igual espinho.

— Dói?

— Não, não dói.

O companheiro, de medo, não dormiu. Ficou todo o tempo olhando e pensava: — acho que ele virou bicho. . .

Uma hora levantou devagarzinho, pegou um pau, colocou dentro da rede e trepou numa árvore e ficou lá em cima escondido.

O homem de pé de espinho levantou-se e afiou mais o espinho. Foi perto da rede do companheiro e gritou:

— Tay?tyendok! Bateu e enfiou o espinho no pau, pensando que era o companheiro. Quase morreu de dor.

Esperou um pouco e puxou o pé para fora.

Cedinho foi embora para o mato. O companheiro desceu da árvore e foi ver o buraco no pau.

Em casa contou toda a história.

Ninguém mais viu o Tay?tyendok. Hoje a gente só escuta o canto dele no mato: tay?tyendok. . . tay?tyendok. . .

XIV — UMA ALDEIA GANHOU PLANTAÇÃO.

Antigamente um rikbáktsa foi numa outra aldeia e viu que lá não tinham plantação:

— Mas vocês não têm nada?! Vamos lá em casa e eu vou dar plantações pra vocês!

No outro dia foram buscar as plantações. Quando chegaram, viram que ali só moravam aquele homem, a mulher e um filho. Ganharão mandioca, milho, cará, araruta, banana e amendoim, como fora prometido.

— Vocês não podem comer tudo agora, disse o homem para o chefe.

Voltaram para a maloca e fizeram roça. A família que deu a plantação, saiu de noite para longe.

XV — HOMEM VIRA VEADO.

Faz tempo eram três veados: um pequeno, um preto, que morava no mato, e um vermelho, de chifre grande, que morava em casa.

Um dia o veado vermelho foi tirar mel. Voltou e chamou a mulher para agora ir junto tirar mel. Encheram uma panela. A mulher voltou para casa e o marido ficou no mato, até o outro dia cedo. O homem foi fazendo sempre assim, dormindo fora, até que um dia virou veado do mato.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957 122—142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas, 3, 1959, 199—266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuxtlas** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 pp.
10. **Os Munkü. 2.ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien.** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Taperá. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1966, Antropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, S.J. e outros — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968. Antropologia nr. 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** — João Alfredo Rohr, S.J. Pesquisas 1969, Antropologia nr. 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** — Tom O. Miller, Jr. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig, 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1.ª parte** — Pedro Ignacio Schmitz e outros — Pesquisas 1970, Antropologia nr. 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** — José Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1971, Antropologia nr. 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.

VALE DO RIO DOS SINOS

Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos

Publica trabalhos de pesquisas e artigos dos professores e alunos da Faculdade, nos campos sócio-econômico-doutrinatórios.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres

Endereço:

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Praça Tiradentes, 35

93.000 — São Leopoldo — RS — Brasil

ESTUDOS LEOPOLDENSES

**Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
de São Leopoldo**

Publica trabalhos de pesquisas dos professores e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

História e Ciências Sociais — História Natural

Filosofia — Letras — Matemática — Educação

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

**Endereço: Estudos Leopoldenses — Praça Tiradentes, 35
93.000 — São Leopoldo, RS — Brasil.**